

SERTÃO DE DENTRO

EPISÓDIO 4 – OS FILHOS DE DONA ZEFA E SEU CIÇA (3)

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTAS

DATA: 21.01.2017

NOME: JACKSON

LOCAL: SÃO PAULO

[Beto em OFF]: Você gosta de cozinhar?

[Jackson]: Gosto. As vezes na minha folga eu prefiro ficar em casa cozinhando do que ir para certos lugares. Às vezes a gente mora praticamente só e não compensa nem cozinhar, a gente vai comendo fora. Mas eu gosto. Gosto de convidar uns amigos para vir ficar cozinhando, tomar uma cervejinha no final de semana...

[Beto em OFF]: E você aprendeu a cozinhar com quem?

[Jackson]: Aprendi com ninguém não. Cheguei em São Paulo e tinha que fazer a comida se não ficava com fome aí eu tive que ir pra cozinha e fui aprendendo. E eu cozinho pra mim, né? Se vsai bom ou se sai ruim...

[Beto em OFF]: Qual que é o cardápio de hoje?

[Jackson]: Feijão tropeiro com carne assada. Tá delícia?

[Beto em OFF]: Feijão tropeiro é uma comida típica mineira.

[Jackson]: É, mas como a gente mora em São Paulo e tem um pouco da comida típica de cada região, come um pouco de cada coisa, aí eu aprendi a fazer o feijão tropeiro e gostei muito. A gente usa muito o feijão tropeiro no churrasco. Ao invés de assar carne e colocar só na farinha, a gente faz o feijão tropeiro para ficar um pouco mais incrementado, né? Agora vamos colocar a carne aqui e fazer...

[Beto em OFF]: Lembrei, feijão farofa!

[Jackson]: É mais ou menos por aí, feijão farofa.

[Beto em OFF]: Farofa de água é diferente?

(Começam a falar de farofa de água)

[Jackson]: Uma vez eu fui lá para a Bahia e quando chegou em Salvador o rapaz veio me buscar. E aí ele falou, eu vou levar vocês para Monte Santo mas onde vocês quiserem parar vocês falam, se quiserem beber alguma coisa vocês falam. E eu perguntei, mas você não tem nenhum compromisso, só vai nos levar? E ele, não,

vocês que mandam. E qual caminho você faz? E ele, eu vou ali pela 116 até Euclides da Cunha e lá eu faço a volta. Aí eu falei assim, então vamos pro Jorro né, já era caminho mesmo. Aí parei lá e no meio do caminho tinha um bode assado... Mas eu não achei essa farofa não.

[Beto em OFF]: Mas o banho você tomou?

[Jackson]: Banho eu tomei. Saí todo queimadinho. Cheguei todo queimadinho na casa da Dona Zezé. Por que lá a água é quente, o sol é quente, o pessoal costuma tomar banho tarde ali, na madrugada que está mais fresco. Mas tomar o banho quente no sol quente, pelo amor de Deus... Dizem que no Jorrinho a água é mais fria um pouco.

[Beto em OFF]: É, mas só um pouco.

[Jackson]: O pessoal, eu não, mas dizem que o pessoal faz excursão lá pra ir tomar banho. Lagoa do Saco é perto dali, né? Vocês tão com fome já?

(Conversas sobre o lugar da câmara)

(Organizando a cozinha)

[Jackson]: Amanhã não dá para ser cedo não?

[Beto em OFF]: Mas na parte da manhã você vai estar no supermercado.

[Jackson]: Eu vou estar no supermercado até as quatorze horas. Depois eu almoço aqui por que não tem almoço lá. Já como o resto que sobrar daqui hoje. Ontem quando vocês foram visitar a minha irmã, chegaram a encontrar o meu cunhado?

[Beto em OFF]: Não.

[Jackson]: Então vocês ainda não conhecem meu cunhado. Daqui a pouco ele tá aí, com certeza era ele que estava me ligando. Cearense, gente boa. Passei Natal e Ano Novo com ele. Fomos numas festas aí, já que eu não pude viajar.

[Beto em OFF]: A diferença sua para a Marleide é de um ano, né?

[Jackson]: Sabe que eu não sei cara. Acho que são uns três. Diferença de um ano sou eu e aquele lá, o moreninho lá que aparece nas imagens de lá em cima de uma cama. Aquele ali é um ano mais velho do que eu. Aí depois, descendo já tem uns com diferença de dois anos.

[Beto em OFF]: Mas quando a Marleide veio você já estava aqui?

[Jackson]: Já, já. Marleide veio foi um dia desses. Quer dizer, em relação ao meu tempo aqui ela tem bem menos, deve ser uns sete ou oito anos.

[Beto em OFF]: E como é que foi quando ela chegou?

[Jackson]: Tinha que dar um apoio, né? Por que só tinha eu aqui na época de irmão. Ela veio para cá eu já estava aqui faz um tempo. Ela gosta de mim, moramos juntos

aqui um bom tempo. Mas era briga de mais. Todo dia nós brigávamos. Mas quando ela saiu fez falta. É assim mesmo, família é assim mesmo. Eu não podia chegar em casa e ela estar passando pano no chão, se não tinha que voltar, não podia pisar. Arrumava briga.

[Beto em OFF]: E você não pensa em ter família e filho, igual ela tem agora?

[Jackson]: Rapaz, pensar eu penso mas sei lá. As coisas tão difíceis hoje. Pra você criar com dignidade é difícil. Se for pra abandonar e deixar sofrendo é melhor não procurar, né? Aí nem penso. Mas tá cedo ainda.

[Beto em OFF]: Mas umas namoradas você dá de vez em quando.

[Jackson]: Ah se não a gente tava... Essa noite mesmo eu só não fui na baladinha por que tinha que acordar cedo pra esperar vocês, se não estava dormindo até agora. Cansa, né? A semana cansa, a semana é puxada. Ficaram até que horas ontem no mercado, nove horas?

[Beto em OFF]: Ah, até umas oito. Aí começou aquela chuva forte.

[Jackson]: Nossa, meu Deus. Eu pensei em ligar para vocês por conta da chuva, vocês iam pegar alagamento todo aí. Eu quando chove nem tiro o meu da garagem. Meu patrão ficou aí até não sei que horas.

[Beto em OFF]: Aqui alaga, né?

[Jackson]: É, o problema é que alaga e você tem que esperar baixar. Se você meter a cara aí é perigo constante. O rapaz aí exagerou no refri, é só nós. Tem uma amiga minha que está vindo aí mas não sei que horas ela vai vir. Meu cunhado e minha irmã... Como dizem os garçons, vamos montar a praça. O pessoal gostou ontem. O pessoal do mercado, os patrões gostaram.

[Beto em OFF]: Gostaram da conversa?

[Jackson]: Da bagunça que vocês fizeram lá.

[Beto em OFF]: A galera ficou curiosa.

[Jackson]: É, aqui tem muita gente curiosa. Se você for analisar, esses prédios aqui, esses dois mais próximos ali na galeria. Se você for colocar esse povo todo que mora aqui, é uma cidadezinha do interior.

[Beto em OFF]: É, ué. Dá umas cinco mil pessoas.

[Jackson]: Dá mais. Bem mais! Esse aqui ó, esse altão curvo, ele tem vinte e sete andares, cada andar tem vinte e três apartamentos. Agora eu não estou com cabeça para ficar fazendo conta, mas se você for analisar, 27 vezes 23 e cada apartamento mora mais ou menos umas... Varia muito. Uma coisa pela outra deve dar umas cinco pessoas.

[Beto em OFF]: Vou pegar a calculadora aqui.

[Jackson]: Já deve dar uns dois mil já.

[Beto em OFF]: 27 vezes 23 vezes 4... Duas mil e quinhentas. 2484.

[Jackson]: Mas aí tem uns que moram oito, dez... O cara vem do norte, traz um, traz outro e vai jogando para dentro.

[Beto em OFF]: E a maioria aqui é de nordestino e do norte?

[Jackson]: É, só dessas bandas aí. Aí você vai juntar com os outros aí... É muita gente.

[Beto em OFF]: E ali o Bela Vista Futebol Samba?

[Jackson]: Você viu lá? Ali é um timinho que a gente tem aí. É daqui mesmo, do prédio. O técnico dele é um dos dirigentes, é o síndico do prédio. Fim de semana a gente vai lá jogar bola. Eu vou de vez em quando, não vou sempre não. Mas eu também jogo um pouquinho, só pra suar. Eu gosto mesmo é do churrasco depois quando chega.

[Beto em OFF]: E você joga em qual posição?

[Jackson]: Sou zagueiro. Se o cara vier, a bola pode passar mas o cara fica. Esse meu tio aí era pra pegar no gol, esse que estava lá ontem, marido da Eliana.

(Arrumando a cozinha)

[Beto em OFF]: Mas aí você joga o que, campo ou salão?

[Jackson]: Rapaz, é campo. Só que é longe daqui, a gente tem que se juntar aqui todo mundo cedo e pegar os carros e pegar a estrada. Tem um que fica no bairro do limão e tem outro que fica lá no Belémzinho. Sempre no domingo né? Uns de ressaca, outros desistem e assim vai.

[Beto em OFF]: E dá jogo bom?

[Jackson]: Dá, tem muito moleque bom de bola. Muito mesmo. Aí quando volta, aí mesmo no final da galeria onde tem o portão, mete o som na caixa aí, pagode, carne assada e o escambau. É de quinze em quinze né? E nem sempre dá pra todo mundo ir por que é pago, paga por jogo.

[Beto em OFF]: E disputa campeonato?

[Jackson]: Disputa campeonato.

[Beto em OFF]: E já ganharam algum?

[Jackson]: Já. Se você for ver o Vítinho, o síndico do prédio, lá no kit dele é cheio de taça, troféu.

(Arrumando a cozinha)

[Jackson]: Conhece Jacareí?

[Beto em OFF]: Passei por lá só.

[Jackson]: Quando eu estou sem fazer nada eu pago e desço pra lá.

[Beto em OFF]: o Que tem lá de bom?

[Jackson]: Então, tem uns parentes lá. E lá é região de chácara, pesqueira. Rodeio, tem rodeio na cidade. Mas lá é um lugar tranquilo então tem uns pesqueiros lá que eu gosto de pescar.

[Beto em OFF]: Mas o peixe lá é dos graúdos ou é dos pequeninhos?

[Jackson]: Rapaz, na verdade eu vou lá pescar só pra dizer que eu vou pescar, mas eu não pego quase nada. Uma vez eu cheguei lá pra pescar com uma fome danada. Peguei o anzol, peguei uma cerveja, sentei na beira do lago, joguei o anzol lá e nada. E a fome apertando, isso não vai dar certo. Deu uma hora, duas e eu não pesquei nada. E lá você pesca e manda fritar. Aí eu falei, quer saber de uma coisa, esquece isso aí, eu não vou pescar mais não. Cheguei lá e perguntei, moço, tem peixe aí? Ele, tem. Então frita aí que se depender de eu pescar eu vou morrer de fome. Aí mandei fazer o peixe né, se não eu desmaiava ali. Aí almocei e fui pra piscina. Lá é pesqueiro, piscina e tudo. Mas eu pesco lá só pra dizer que eu estou pescando, só pra passar o tempo. Será que tá bom esse negócio? Já põe tudo aqui, põe isso aqui. Que falta que faz uma mãe, né? Pelo amor de Deus. Agora vai.

(Tentando ligar o fogão)

[Beto em OFF]: Nós pegamos dois momentos de movimento. (no supermercado)

[Jackson]: Dois?

[Beto em OFF]: Meio dia, quando você chegou e no final da tarde. E no domingo, dá movimento?

[Jackson]: No domingo dá. Mas depois das 10 que o pessoal acorda tarde. O pessoal aqui não acorda cedo igual nas cidadezinhas lá do interior. O pessoal acorda depois das 10. A gente abre às 8, dá uma arrumada, uma organizada e depois das 10 é que o pau come. Aí pra fechar dá um trabalho... Por que fecha 14:00 e corre para comprar, aí o movimento aumenta um pouco. Mas agora tá fraco com essa crise aí o movimento caiu, tá bom não. Antes era o dia todo. E agora essas despesas todas aí, o pessoal gastou muito nas festas de fim de ano e agora tão recuando. Acho que está pronto, agora é só aguardar a visita, se é que vão vir. Se não vier, tudo bem. Nós come assim mesmo.

[Jackson]: Uma coisa eu vou te dizer, mendigo tem muito. Aumentou demais de uns quatro anos para cá. Dá até uma coisa ruim de você sair na rua. A própria Paulista. Tem um amigo meu que mora em frente àquele viaduto da Radial Leste, tem uma área na frente que a visão é só isso, uma pena. A gente pode ir lá, mas hoje a Paulista está fechada. Só se nós pegássemos uma bicicleta e saíssemos pedalando. Minhocão... Você conhece o Minhocão? Lá já deve estar fechado a essa hora.

[Beto em OFF]: Conheço. Lá vai o pessoal andar, por lazer?

[Jackson]: É, por lazer. O pessoal vai lá pra cima, leva violão, faz festa de aniversário, os ambulantes vão lá vender... É muito bom lá, muito bom. Você está em pleno centro de São Paulo, num pedaço sem carro, nem parece que você está no centro. E assim, em questão de trânsito e movimento não tem nada. E é longo, começa aqui na consolação e vai lá para Barra Funda, o final é já próximo do Palestra Itália.

[Beto em OFF]: E você usa internet, essas coisas pra...

[Jackson]: Rapaz, eu usava muito a internet. Mas faz bem uns dois anos que eu não ligo ele. É por que eu não tenho muita paciência de ficar em casa. E hoje você tem tudo no celular, né? Aí eu nem ligo esse computador. Ligo só para jogar música no pen-drive, essas coisas. Não tenho paciência de ficar o dia todinho pegado nessas coisas.

[Beto em OFF]: Facebook e esses...

[Jackson]: Isso, não curto muito não. Até abro assim, mas não curto muito não.

[Angel em OFF]: Você não usa Skype com sua mãe?

[Jackson]: Não, ainda é telefone. Minha mãe de vez em quando manda uns áudios no whatsapp, assim. Minha é terrível. Eu uso mais o whatsapp. Antigamente era tão difícil, não era? Você mandava uma carta na época dos nossos avós, aí demoravam quinze dias para chegar lá e mais quinze para responder e voltar. Hoje não, o pessoal está tão moderno e continuam inventando coisa.

[Beto em OFF]: Hoje tem wi-fi na casa da sua mãe.

[Jackson]: É eles tem wi-fi por causa dos meninos lá, né? Eles precisam até mesmo por que o sinal das operadoras é horrível. Imagina ali, sem sinal e sem internet. A gente fala no whatsapp por causa do wi-fi.

[Beto em OFF]: Mas ali na vila tem um sinal.

[Jackson]: Tem um pontinho. Quando eu estava lá eu sofri para ligar pro meu pai do outro lado da serra. Por que o sinal para nós lá é ruim, pra eles é pior... Aí é mais fácil pegar o carro e ir.

[Beto em OFF]: E você foi lá visitá-lo?

[Jackson]: Fui. Fui três vezes.

[Beto em OFF]: Ele está bem, né?

[Jackson]: A vista do que ele passou, sim, bem melhor. Falei com ele domingo a noite, ele está bem melhor. Ele gosta muito de mim, aquele velho. Eu estive lá. Assim que eu cheguei ele eu não fui no mesmo dia, mas depois eu fui bater lá. Eu marquei um almoço com ele e a mulher dele fez uma galinha e eu não fui rapaz... É que não ficou muito certo, e aí no dia que era pra ir eu tentei ligar e nada. E o dia acabando e nada de conseguir, aí não fui. Isso era no domingo, aí na terça-feira minha mãe, Jackson

seu pai deve ter feito almoço para você e você não foi. Aí eu tive que ir. Peguei a minha sobrinha, aquela danadinha, o carro e fui sem avisar. Cheguei lá ele estava dormindo, meio-dia. Bati na porta. Lá é um lugarzinho tranquilo, né? Você foi?

[Beto em OFF]: Atrás do Monte Santo, né?

[Jackson]: É, do outro lado.

[Beto em OFF]: Bonito ali.

[Jackson]: Lá é bonito. Aí ele falou que fez comida e esperamos, deu duas horas e você não chegou, a gente tava com fome... Aí fiquei um pouco lá com ele e acabamos comendo um restinho das coxas de frango que ainda sobrou. E quando eu fui viajar, também. Eu fui lá rapidinho só para pegar a benção dele, por que ele não ia ficar feliz se eu viesse pra cá e não fosse lá. E na época ainda estavam bastante dores... E aí foi isso. Ele tá lá recuperando. Ele foi um dos fundadores da associação lá de Lagoa do Saco.

[Beto em OFF]: É, a luta deles é bacana demais. E está lá registrado.

[Jackson]: No começo da associação, que começou com um grupinho bem pequeno dos associados, se eu ainda estivesse lá eu seria um dos de dentro. Capei o gato, como dizem. Mas sempre estou acompanhando, todo ano quando eu chego lá eu me informo como foram as coisas. Quando eu vim a associação já estava bem desenvolvida, já tinha a casa de farinha elétrica. Pelo meu conhecimento foi a primeira da região. Hoje tem muitas lá espalhadas.

[Beto em OFF]: A casa de farinha é bacana, o trabalho comunitário...

[Jackson]: Mas eu já fui várias vezes lá e ainda preferia a tradicional. Acho que independente de ter essa mais evoluída, tem que ter uma lá para manter a tradição. Antigamente você passava a noite todinha naquele negócio, um ia dormir e o outro ficava lá, acordava depois. Era muito bom, a noite toda, meu Deus. Hoje em dia está tudo evoluído.

[Beto em OFF]: Você frequentou a escola da associação?

[Jackson]: Frequentei, fui de uma das primeiras turmas. As primeiras turmas da EFASE, na época estava em fase de teste, ficavam será que isso vai dar certo. Sem internet, ali confinado quinze dias sem ir para lugar nenhum, só estudando. E ali você produz pro próprio consumo, por isso que muita gente das escolas saíram para ir pra lá. Eu não fui não. Muitos desistiram. Agora está bem evoluído, mas no início era um lugarzinho no meio do nada, no meio do mato e das cobras. Quando surgiu aquela escola, a história da terra eu não entendo muito bem, mas o que eu lembro é que a gente foi lá até o limite. Se não me engano foi o Herôncio e o meu tio Zito e a gente levou rapadura lá e foi até onde o carro não podia mais avançar, aí não me recordo quem foi, acho que foi o Herôncio, falou, vai ser aqui! E eu nem sabia do que ele estava falando, vai ser aqui. Aí ele começou a abrir a mata fechada, começaram a sair umas cobras enormes, várias. E aí foi feita a primeira sala. Aí veio a primeira turma e começou a expandir, fizeram a primeira horta... Por que na época a gente trazia alimentação de casa, no início. E você levava alimentação para quinze dias por que

eles ainda iam plantar, criar... Aí hoje eles levam só a mala com roupa por que lá já tem tudo. O que você conheceu lá tá bem avançado, nem poço artesiano, energia solar... Tinha um gerador na minha época. E tinha horário, tal hora desliga o gerador e eu quero ver todo mundo nos seus quartos dormindo. Eu não passei por isso, né? Eu conto essa história por que meu irmão estudava lá e eu ia lá no domingo. Por que domingo tinha uma folga, né? Você podia receber uma visita. Aí eu ia até lá. E aí depois que meu pai arrumou essa mulher que mora mais próximo a essas bandas, aí eu me familiarizei com o povoado da Lagoa do mandacarú. De tanto você passar de lá e pra cá, você para nos lugares e pega uma água, aí eu fui me familiarizando lá. Aí depois que eu vim para cá eu fui perdendo um pouco... O pessoal da primeira turma eram todos amigos meus, mas hoje eu já não sei mais por onde andam. Eu tenho notícias só de um ou de dois. Um é vereador lá em Santa Rosa e tem outro lá em Salgado, que fica ali...

[Beto em OFF]: A gente gravou num lugar longe que era lá pra depois desse Salgado, onde tem uma associação também. Nós gravamos uma reunião deles... Serra do Jardim?

[Jackson]: Isso é do lado de lá de Santa Rosa. Salgado fica detrás da serra de Lagoa do Saco.

(Conversa sobre trajeto na serra)

[Jackson]: Só esse do Salgado que eu tenho notícias por que o meu irmão, que você não conheceu, é casado com uma mulher de Salgado. Aí quando eu estou de férias eu vou encontrar com o pessoal e acabo encontrando com ele. Hoje ele é professor lá de Monte Santo, super bacana ele. É o único que eu mantenho contato. Aí depois foi chegando turmas novas. Igual hoje, mesmo eu indo sempre lá de férias as amizades vão sumindo, são poucos os que você mantém aquela amizade e carinho. Uns vem pra cá e se escondem não sei lá aonde. Aí vem as gerações novas e não tem mais o convívio, como diz aí, as ideias já não batem. E claro, com certeza ainda tenho bastante amigos lá que me ligam direto.

[Beto em OFF]: Só naquele dia você encontrou uma boa turma de amigos.

[Jackson]: É mas ali era mais família. Família grande, né? Mas tinha bastante amigos ali. Hoje em dia eu acho que vale mais a pena você fazer mais assim do que ir no povoado ali.

[Beto em OFF]: Bate uma saudade das comidas da Dona Zéfa?

[Jackson]: Opa! E ela dá umas bronquinhas, uns puxões de orelha que é normal. Ela me mandou um áudio no Natal, eu estava saindo do trabalho. Meu irmão me ligou e eu estava fechando a loja não podia atender. Mas aí eu pedi pra ela me gravar um áudio e ela caprichou no áudio. Eu não quero que você vá em festa, quero que você vá na igreja hoje, mas acabei nem indo.

[Angel em OFF]: Você tem esse áudio ainda?

[Jackson]: Vou procurar aqui.

[Beto em OFF]: E você frequenta a igreja?

[Jackson]: Olha, eu vou ser sincero com você, é difícil. Frequento pouquíssimo. Sempre vou na igreja que eu fiz um curso lá, a Achirópita. Inclusive, eles tem uma festa lá todo mês de Agosto e o mês de Agosto todo em festa. O dia todinho de festa com música italiana, comida italiana, muito bonita a festa. E todo ano meus patrões, que são muito devotos de Aparecida, vão no dia primeiro de Janeiro. É o único dia no ano que a loja fica fechada e eu até tinha combinado de ir com eles. Aí quando foi uns dois dias antes meu patrão disse que estava desistindo de ir, que ia ser a viagem do ano, mas eu ainda vou. E quando eu acho que preciso ir na missa eu vou lá, pego meu carro, comungo. Uma vez ano passado eu tinha umas mulheres muito próximas de mim, uma senhora lá de Lagoa do Saco e a filha dela. Aí um dia eu falei, amanhã eu vou na missa e se vocês quiserem eu levo vocês. Aí eu levei elas, participamos de duas missas, almoçamos e tudo. E foi uma chuva na volta que vocês precisavam ver. E você ir até lá em Aparecida cansa, nem que você não faça nada. É como se fosse uma penitência. E eu fui de carro, não é esforço nenhum, mas aí veio a chuva... E com as duas dentro do carro, a responsabilidade era minha. Sendo que eu não tinha dormido na noite anterior. Elas dormiram aqui no chão e eu fiquei dando atenção, elas dormiram e eu fiquei acordado. Aí quando eu voltei eu pensei, não vai dar certo esse negócio. Aí quando chegou em Jacareí, que eu te falei que eu tenho conhecido, fiz o retorno e fui bater na casa do meu primo. Já era de noite, eu dei umas buzinadas, meu primo saiu lá, o que está acontecendo Jackson? Dá pra você me fazer um café bem forte? Eu já sou lá de casa, aí pedi um café bem forte, pra tomar um banho gelado que eu estava sem aguentar o sono. Aí, claro Jackson, tomei o café, o banho e tirei um cochilo de meia horinha e continuei o caminho. Mas foi uma viagem maravilhosa, quando eu voltei fiquei com a sensação de missão cumprida. Mas eu vou pouco na igreja.

[Beto em OFF]: E você já levou sua mãe em Aparecida?

[Jackson]: Já. Já levei em Aparecida, já levei na Canção Nova... É o principal motivo dela vir pra cá, quer dizer, eu sou um deles também, óbvio. Mas o segundo é Aparecida e Canção Nova. Aparecida é bem divulgada, mas Canção Nova são poucos que conhecem. É um lugar bem pacato, mas religioso. Tão religioso que você precisa ver. Quando eu fui lá com ela a gente foi numas missas, numas festas lá e tudo. Eu só acompanhando ela, fazendo os gostos dela. Quando ela veio a primeira vez a gente foi em Canção Nova e depois voltou. Aí a gente foi pra lá, ficou lá o dia inteiro numa pousada e quando chegou a noite a gente estava numa apresentação lá e quando terminou anunciaram uma festa. Claro, uma festa religiosa com umas coisas lá. Aí minha mãe apaixonou, vamos voltar pra pousada pra descansar e voltar pra lá de noite, Jackson. Ah mãe, eu não vou voltar não. Se você não quiser vir tudo bem, eu já sei o caminho da pousada até lá. Aí a gente voltou lá de noite, eu só fazendo os gostos dela. De noite nós entramos na pousada, ela já foi deitando e eu falei, mãe vou ali em baixo e já volto. Essa hora? Não já volto. Aí descí, e tinha um barzinho ali em baixo. Eu gosto de tomar a minha cervejinha, não vou mentir. E lá é muito quente. É tipo o Rio, chove mas o calor tá em cima. Aí cheguei no barzinho e só tinha caminhoneiro sem camisa, tudo contando história. Aí sentei, por favor me dá uma cerveja. E me perguntaram, você é de onde? E eu sou de São Paulo mas vim com minha mãe aqui

em Canção Nova. Ah legal. Aquele papo de bar. Resumindo, cheguei na pousada três da manhã. Aí de manhã cedinho a mãe já puxando o meu pé e eu com sono, querendo dormir mais. Mas tinha que fazer os gostos dela e voltamos para Aparecida. Eu já fui em Aparecida várias vezes, mas nunca consegui andar ela inteira. Eu fui no rio que você vai de carroça do santuário e entra no barco. E a igreja é muito bonita mas poucas pessoas veem o padre, só quem está bem perto. Então não dá pra todo mundo ver. Aí minha mãe rezando e eu encostei e dei uma dormida. Terminando a missa a gente foi almoçar e depois eu falei com a minha mãe, agora eu vou lá no rio, vamos no rio? Deve ser bonito, vamos no rio. Aí passeamos e quando foi seis horas eu falei, tá bom, já fui na missa. Só de fazer as coisas com a minha mãe naqueles dois dias já foi muito bom. Inclusive era para ela estar aqui, ela disse que vinha no fim do ano e nós já estamos no começo. Mas toda vez que ela veio, a partir do momento que ela pisa os pés aqui eu esqueço amigo. Só não esqueço o trabalho por que não dá pra esquecer, mas saí do trabalho é minha mãe, acordei é minha mãe... Faço tudo pra ela. Foi uma guerreira, criou dez filhos sozinha praticamente, guerreira, guerreira. E hoje ela está muito feliz e está cheia de menina com ela, os netos!

[Angel em OFF]: Da última vez que ela veio foi por causa da Aline?

[Jackson]: Foi, juntou o útil ao agradável. Nasceu a Aline e a minha irmã, marinheira de primeira viagem, tinha que ter uma pessoa do lado e ela veio. Inclusive, acho que teve uns parentes dela que ela ia ver e nem viu, meus tios que você viu ontem.

[Beto em OFF]: Pra ela experiência não falta, dez anos de barrigada...

[Jackson]: Acho que foram doze, por que morreram dois. Pelo menos é o que contam, por que eu não vi morrer nenhum. Mas é assim cara, graças a Deus tá criado aí, minha mãe está feliz, já passou o pior e a vida continua!

ALMOÇO JACKSON E FAMÍLIA

SÃO PAULO –

Minutagem correspondente a extração do projeto no Final Cut após Jackson na Cozinha

[Marleide]: ... voltando da balada. Tão indo dormir e nós estamos acordando. Aí quando a gente está voltando eles estão acordando e diz, você trabalhou? Já trabalhei, vocês estavam indo dormir e eu estava indo trabalhar.

[Outra mulher]: É, e eles se divertindo. Parece que você que trabalhou ontem a noite.

[Marleide]: Aí tem vezes que no tempo que eu estou trabalhando é o tempo que eles estão dormindo, as pessoas estão dormindo, então quando eu estou vindo eles estão acordando. Ah, você trabalhou? Só acha que é meio período mesmo.

[Outra mulher]: E não é, você faz direto.

(...)

[Marleide]: Quando ela tinha... Que idade que nós levamos ela para a Bahia?

[Tião, Marido de Marleide]: Ela tinha... Nós fomos em que, em Março? Seis meses.

[Marleide]: Seis meses. Estava sentando, estava começando a sentar.

[Tião]: E agora não tem quem segure mais.

[Marleide]: É bom... Essa época que era bom, não é? (não entendi), agora que estava bom.

[Outra Mulher]: Agora que estava bom, tem gente para correr atrás junto.

[Marleide]: Nossa, ela ia adorar. Mas esse ano... A gente foi ano passado para lá, aí esse ano a gente quer ir pro Ceará. A gente quer revezar, um ano na Bahia e o outro ano no Ceará.

[Outra Mulher]: Entendi. Mas não dá pra fazer um caminho não? Parar na Bahia e depois ir?

[Marleide]: Acho que não dá.

[Tião]: Dá não.

[Outra Mulher]: Dá não?

[Tião]: Não, não dá por que se gasta muito. A gente vai de avião, a gente não viaja mais de ônibus não. Não compensa, a passagem de ônibus é o mesmo preço que a de avião, então não compensa.

[Marleide]: Ano passado a gente até tentou...

[Tião]: Ano passado é que nós íamos batizar ela, aí já perdemos já... A gente ia batizar ela dia 13, não dia 12 viajando dia 13, então não dava para ir depois. Por que já perdemos já doze dias. Aí não dava não. Mas esse ano nós vamos só pro Ceará mesmo.

[Marleide]: Mas quando tiver com dois anos, dois anos e meio ainda tá novinha, vai curtir um pouquinho.

[Outra mulher]: Essa fase é a mais gostosa. Até os quatro anos é uma delícia.

[Marleide]: Aline, não faz isso! Dá pra mãe, pega lá, pega. Pega Aline! Aline! Pega pra mamãe, pega. Pega lá, pega. Traz Aline. Ó, pega!

[Colega de Jackson]: E vem chuva de novo, ein.

[Tião]: Eu falei que hoje podia chover o dia todinho, não vou estar em casa mesmo.

[Marleide]: Pega lá, pega.

[Jackson]: Tô nem aí, né?

[Tião]: É, tô nem aí. Pode chover que...

[Colega de Jackson]: Pega ali, Aline. Olha lá no chão. Pega!

[Marleide]: Hoje ela está rebelde.

[Colega de Jackson]: Ela quer ficar girando.

[Tião]: Vocês são da onde?

[Outra mulher]: (Não consegui ouvir a resposta.)

[Marleide]: Pronto! Ela gosta dessa cadeira. Vou levar para casa essa cadeira, né filha?

[Tião]: E vocês estão aqui desde quando?

[Outra mulher]: (Não consegui ouvir a resposta)

[Marleide]: Acho que eu vou levar, né filha, um dia para casa essa cadeira. Ela não gosta de ficar sentada nessa daqui. Tá gostoso?

[Jackson]: Tião, tem um que esteve lá na Bahia quando eu estava lá de férias que não está aqui não. Lembra que eu esqueci? O que estava na Bahia lá?

[Angel]: Que estava aqui um tempo?

[Jackson]: Não...

[Marleide]: O diretor, que você falou?

[Angel]: Ah, o Geraldo Sarno!

[Jackson]: Geraldo!

[Angel]: Ele pede desculpas por não estar aqui, por que está se recuperando de um tratamento. Mas ele vai voltar daqui a um mês.

[Jackson]: Ele estava lá, quando eu estava na Bahia, ele estava lá.

[Angel]: Eu sou o assistente de direção dele.

[Jackson]: Muito gente boa ele também. Vocês também, mas ele também, todo mundo. Queria muito que ele tivesse vindo. Ele conhece bem a história, né?

[Angel]: Ele filmou a família desde 1984. Com a seca.

[Tião]: Desde 84?

[Jackson]: Eles mostraram a gravação lá quando eu estava na Bahia. Minha mãe estava grávida de mim.

[Marleide]: Essa fita está na escola. Mas eles perderam, eu acho que eles perderam. Eu não tive a oportunidade de ver não essa fita.

[Angel]: Eu já mandei quatro cópias para lá. Mas vou mandar mais parra cá. Mando para Jackson, mando quatro cópias e aí...

[Marleide]: Eu não sei o que aconteceu, por que eu queria ver essa gravação, aí eles procuraram e não encontraram nos arquivos.

[Angel]: Está no Youtube.

[Marleide]: Oi?

[Tião]: No Youtube?

[Angel]: Está no Youtube. Você procura "Terra Queima".

[Colega de Jackson]: Terra queima?

[Angel]: A Terra Queima.

[Colega de Jackson]: A Terra Queima.

[Angel]: E já nos primeiros cinco minutos aparece a Dona Zefa, Ciça, seus irmãos...

[Tião]: Eu sou muito bom de memória, chegar em casa eu vou lembrar isso. A Terra Queima. A gente olha lá.

[Angel]: E aparece Jackson dentro da barriga.

[Tião]: Ah é? Legal.

[Colega de Jackson]: Vai aparecer a terra pegando fogo lá, terra queimando?

[Tião]: Bacana. É bom isso aí. Antes de eu vir para São Paulo, que não era pra mim ter vindo para São Paulo, que até hoje eu me arrependo, não era pra eu ter vindo não, pra cá.

[Marleide]: Agora que está aqui, né?

[Tião]: Agora que está aqui não tem mais jeito, não pode chorar depois. Tinha um projeto da Alemanha, apareceu lá no Ceará procurando gente para... Um projeto lá. Era uma fábrica de gelo, por que lá onde eu moro é pesca, então precisava da fábrica de gelo para abastecer os barcos e precisava de alguém para manusear e ter um curso. Aí eu ia para a Alemanha, eu fui o escolhido. Por que nesse tempo eu estudava e precisava de uma pessoa, foram olhar as minhas notas e as minhas eram as melhores. E eu ia para a Alemanha.

[Jackson]: Mas aí você quis vir pra São Paulo?

[Tião]: Aí eu vim pra São Paulo e me arrependi. Hoje estaria lá de boa.

[Outra mulher]: Mas porque você veio?

[Tião]: A doídice de vir pra São Paulo.

[Marleide]: Não, mas é o destino...

[Jackson]: O destino quando a gente sela...

[Tião]: Não era para ser. Se fosse para ser... Mas era um projeto bem bacana mesmo.

[Outra mulher]: Mas você queria vir para São Paulo?

[Tião]: É, eu queria vir pra São Paulo. E aí...

[Outra mulher]: Mas hoje se arrepende.

[Tião]: Hoje me arrependo. Não era pra ter vindo não, era pra ficar lá mesmo.

[Colega de Jackson]: Mas é, pra São Paulo todo mundo queria vir...

[Tião]: Todo mundo queria vir, e aí... Mas não precisava de ter vindo não.

[Jackson]: A Terra Queima... O pessoal ficou curioso aí embaixo, viu? O pessoal aí ontem. Ficaram curioso.

[Beto]: Aqui?

[Jackson]: Curioso por que viram vocês passando, filmando... O que é isso? Eu não sei de nada. Eu nem to vendo nada.

[Tião]: Vocês aceitam um vinho? Uma tacinha de vinho?

[Angel]: Eu não bebo assim meio-dia, só bebo quando vou ter que deitar. Só a noite.

[Tião]: Ah é? Já nós não temos essa, nós bebemos a toda hora.

[Angel]: A Aline não bebe?

[Tião]: Por enquanto não. Não é, filha? Mas vocês vão embora quando?

[Outra Mulher]: Segunda-feira.

[Marleide]: Sabe que eu acho você familiar?

[Outra Mulher]: você me acha?

[Marleide]: Eu acho.

[Outra Mulher]: As vezes eu acho que eu sou baiana. Que eu tenho um sotaque meio assim, baiano.

[Marleide]: Eu não consigo, não adianta, eu não consigo lembrar quem. Se é alguém que eu já vi, se é alguém que eu conheço...

[Outra Mulher]: É difícil assim, você fica, esse rosto não me é estranho...

[Marleide]: Tem vezes que fica e “ah é lembrei”. As vezes lá no meu serviço, como vai muita gente no hotel, as vezes eu vejo alguém e é de lá. Por que passa muita gente, aqui na Augusta. Você estão em qual?

[outra Mulher]: O nosso é na Rua São Vicente. E nas últimas vezes que eu vim a São Paulo eu fiquei lá no centro mesmo, na São João.

[Marleide]: Ah, esse é aqui próximo, fica um minuto daqui.

[Tião]: Aonde que vocês estão hospedados lá no centro?

[Outra Mulher]: Não, no centro do Paraíso.

[Tião]: Ah, centro do Paraíso. Sei onde é, sei onde é. É, eu sei onde é.

[Angel]: O Jackson estava contando que vocês se juntam em Natal e...

[Tião]: E Ano Novo, é. Todo Natal e Ano Novo a gente faz.

[Angel]: E seus familiares moram aqui?

[Tião]: Só eu. Eu sou sozinho mesmo.

[Outra Mulher]: Sua família toda está no Ceará?

[Tião]: Sim.

[Jackson]: Sozinho não, que tu não é sozinho.

[Tião]: Não, da minha família só tem eu. Aí no Natal a gente se junta para fazer.

[Angel]: Você ficou com (não deu para ouvir por conta do barulho dos pratos)

[Tião]: É.

[Angel]: Mas você já tem a transição de sua família.

[Tião]: É, agora já tem. Já não estou mais só da família. É bom. É bom por que a gente conhece bastante gente. Conhecendo as pessoas...

[Marleide]: Mas você mesmo que...

[Tião]: Não, mas é...

[Angel]: Você chegou quando?

[Tião]: Cheguei em 97. Ó filha.

[Angel]: Você era uma criança então.

[Tião]: Eu tinha 19, ia fazer 19 anos. Ó filha. Cheguei aqui numa época que fazia frio, hoje não faz mais frio não. No tempo que eu cheguei a água congelava na torneira. E

pra tomar banho? Passava de 4 dias sem tomar banho. Gelado! Ninguém tomava banho. Mas também a gente não ficava fedendo não.

[Marleide]: Não suava.

[Tião]: Não suava. Eram quatro dias sem tomar banho. E abria o chuveiro e a torneira e a água congelada. Aí não dava. Aí dormia sem tomar banho, acordava sem tomar banho... Eu lembro que eu passei quatro dias sem tomar banho. Até que melhorou e a água desceu e eu consegui tomar banho. A água não descia não, a água congelava.

[Marleide]: É verdade isso?

[Tião]: É! Congelada a água, isso eu lembro.

[Jackson]: Já me falaram isso mesmo.

[Tião]: É, em 97 quando eu cheguei. A água era congelada.

[Jackson]: Alguém me falou isso mesmo. Se você passava numa sombra... Via um solzinho e pensava que tava quente, aí chegava lá e estava mais gelado que...

[Tião]: Não, deixa um em cima do outro, aí vai pegando e vai...

[Jackson]: Mas vocês não vão botar não? Apesar de que a carne não está pronta...

[Tião]: Não, deixa aí e vai tirando. Você quer o que? Olha o suquinho!

[Jackson]: Marleide.

[Marleide]: Oi!

[Jackson]: Pega um refri aí pra ela? Pega um refri aí pra Aline.

[Marleide]: Pegar o que?

[Jackson]: Refri! Pra Aline, pra você.

[Marleide]: Ah ela não toma refri não. E porque vocês abriram dois vinhos?

[Tião]: Não, é pra ficar... Que é melhor. Vai ser bebido mesmo.

[Jackson]: É, não vai sobrar mesmo.

[Tião]: Não vai sobrar mesmo. Quer um pouquinho não?

[Colega de Jackson]: Não.

[Marleide]: Vai trabalhar?

[Colega de Jackson]: (Não consegui ouvir)

[Marleide]: (Não consegui ouvir)

[Colega de Jackson]: Sim.

[Marleide]: Está gostando?

[Colega de Jackson]: Tô. Eu gostando e eles gostando de mim.

[Angel]: E sua mulher chega que horas?

[Colega de Jackson]: Quatro horas.

(áudio fica muito baixo na sala e mais alto na cozinha e as conversas são sobrepostas)

[Angel (na sala)]: E além dos amigos que tentaram São Paulo, que outros você conhece que vieram...

[Beto (na cozinha)]: Passou no teste de qualidade?

[Tião (na sala)]: Vários.

[Angel (na sala)]: Você foi um pouco o anfitrião para quem foi chegando?

[Jackson (na cozinha)]: Maravilha! Falta degustar a linguiça agora.

[Tião (na sala)]: É veio bastante. Nessa época veio uns 20 de uma vez.

[Angel (na sala)]: Essa época era bom?

[Tião (na sala)]: Era bom, era uma boa época. Agora que está mais, nessa crise que está, tá mais difícil. Eu não aconselho ninguém mais a vir não. Mas naquele tempo era bom.

[Angel (na sala)]: E a situação laboral melhorou, assim, ou se estancou? Como foi? Digo assim, os salários.

[Tião (na sala)]: Não, melhorou bastante. Por que naquele tempo meu primeiro emprego o salário era R\$289.

[Jackson (na cozinha)]: Era o salário mínimo da época, né?

[Angel (na sala)]: Só?

[Tião (na sala)]: Só. Era o salário!

[Marleide]: Mas também tem outra questão, antigamente o salário era menor, mas as coisas eram mais baratas, o custo de vida era mais barato...

[Tião]: É, era assim. Em 97 o salário era esse. O salário da minha categoria era esse.

[Marleide]: Hoje você ganha R\$2000 mas não é nada. Por que as coisas são mais caras.

[Tião]: É, tudo é caro. Antigamente você ia no mercado com R\$50 e trazia bastante coisa. Hoje você vai no mercado com R\$50 e não traz nada.

[Marleide]: Antigamente os R\$200 eram R\$1000 praticamente.

[Tião]: É, você fazia uma compra de R\$200, não dava pra você trazer, a pessoa do mercado que trazia para a sua casa. Hoje você faz uma compra de R\$200 você traz tudo na mão. Eu canso de ir no mercado com ela fazer compra de R\$200, traz tudo na mão. Não dá nem para 15 dias.

[Marleide]: Antigamente eu ia fazer uma compra nossa e passava era tempo as nossas compras. Quando chegavam as compras do mercado que eles iam entregar era a sala cheia de coisa.

[Tião]: É, hoje em dia...

[Marleide]: Era muita coisa, dava para passar muitos dias. Hoje você compra 200, chega em casa e não tem nada, tem que comprar mais, não é, Tião? Tem que comprar mais. Tem que ficar toda hora comprando. Agora R\$1000 vai rapidinho.

[Jackson (na cozinha)]: Eu vou botar refri para os meninos. Ô, você não quer refri?

[Marleide]: Qual é o cardápio de hoje?

[Jackson]: Eu fiz um feijãozinho aí com arroz a grega e carne assada.

[Marleide]: Mas e tu assou como?

[Jackson]: Fiz na churrasqueira ali. Não tá assando...

[Angel]: E você chegou em São Paulo aí era para economizar dinheiro?

[Tião]: Era. Era e acabei ficando. E aí nem sei economizar mais, você só gasta... Hoje em dia não...

[Angel]: Essa é a armadilha. Você pensando em economizar, gasta tudo aqui...

[Tião]: Não dá. Não dá...

[Marleide]: Quem veio para São Paulo antigamente, a minha irmã, o meu irmão, eles conseguiam juntar dinheiro. As pessoas falavam que era a época boa. Não a toa que eles não querem vir mais, por que eles aproveitaram aquela época conseguiram juntar uma grana, construíram casa... Construíram alguma coisa. Que era o objetivo deles. Vinham para São Paulo, conseguiam uma grana e voltavam para lá. Mas os de hoje não conseguem. Você trabalha, trabalha, mas deixa tudo aqui.

[Tião]: Mas lá no meu lugar tem muito emprego.

[Jackson]: Resumindo, quem fez, fez, quem não fez... Né, Tião? Quem fez, fez, quem não fez...

[Tião]: Tá cheio de trabalho no meu lugar. É por que é beira de praia. Vocês já ouviram falar de Jericoacoara?

[Angel]: Já, mas nunca fui.

[Tião]: Pois é. É um lugar só de gringo. Os gringos é que são os donos, só gringo. Então, Jericoacoara era uma vila de pescadores, tinha 200 pescadores, 200 famílias

em casinha simples. Hoje é só de gringo, é só pousada, hotel... Luxuosos mesmo, só vai quem tem dinheiro mesmo. A diária lá no mais chique é três, quatro mil reais. E já está lotada pro ano novo. O desse ano já não tem mais vaga. É, no final de ano desse ano agora já não tem mais vaga. O meu colega que está trabalhando lá falou. Tem muito. Aí tinha outro lugarzinho, outro lugarzinho na beira da praia, que se chama Preá. Outro lugarzinho de pescadores também. Era vila de pescadores, hoje em dia os gringos já tomaram conta, é só pousada. Aí agora eles estão subindo. E indo lá pro meu lugar que é a Barrinha. E já estão fazendo pousada. Então hoje em dia está cheio de trabalho.

[Angel]: Bem pago?

[Tião]: O salário é.... O mínimo é 900 e pouco.

[Angel]: E não precisa ter formação, não precisa ter nada.

[Tião]: É. E lá você não paga aluguel...

[Marleide]: O custo de vida é mais baixo.

[Tião]: É. Lá a água você paga R\$10 que é fixo e a luz que depende do que você vai gastar. Não mexe aí não.

[Marleide]: Só de você não pagar aluguel já é uma vantagem muito grande, por que aqui o que pesa mais... Primeiro é o aluguel e em segundo é o mercado. Então se eles não pagam aluguel já é um dinheiro que economiza. Por que aqui se a gente não pagasse aluguel, ou se o aluguel fosse mais barato, a gente conseguia lucrar bastante.

[Angel]: Quanto você está gastando com aluguel?

[Marleide]: Esse pedaço aqui é no mínimo R\$900...

[Tião]: Só de condomínio dá R\$1000, R\$1100. Entendeu? Só esse pedaço aqui.

[Marleide]: E aqui no centro é o lugar que está mais em conta. Aqui mais próximo, subindo um pouquinho, só o aluguel já está R\$1100, mil e pouquinho... É um absurdo.

[Tião]: Isso daí, tudo caro. Aí você vai se acostumando, vai ficando...

[Marleide]: Se eu voltasse para a Bahia e eu ganhasse lá R\$500 era bem melhor do que aqui em São Paulo com o que eu ganho hoje. Por que lá eu não vou pagar aluguel, produzir você consegue produzir muita coisa lá, é o que muita gente fala hoje. Você ganhando R\$500 lá ou R\$1500 aqui, está compensando ganhar R\$500 lá. Não, é muito... O aluguel aqui acaba com a gente. Aí você já ganha pouco, metade do dinheiro vai pro aluguel e a outra metade vai pra comida para se manter. Aí como que você vai lucrar? Como que você vai ganhar dinheiro? Muita gente que eu conheço acaba fazendo dois horários, acaba trabalhando mais ainda para ver se consegue juntar. Aí um salário a pessoa se mantém e o outro salário a pessoa tenta guardar. Mas aí a pessoa tem que ter muita disposição. E aí eu que trabalho um horário só, que é o normal, a gente já não vive bem trabalhando oito horas por dia, imagina dois horários.

(conversas paralelas com a Aline, sobre a carne e tião buscar em casa algo para fazer a linguiça)

[Tião]: Era para ter feito uma feijoada hoje, rapaz. Nesse frio...

[Jackson]: Olha, boa idéia.

[Tião]: Fazia uma feijoada hoje caia bem.

[Marleide]: Eu achei que eu fosse comer feijoada hoje.

[Angel]: Mas vocês se viram.

[Colega de Jackson]: Não, eu como. É que daqui a pouco eu já tenho um intervalo já.

[Marleide]: Jackson, mas a churrasqueira é elétrica, não?

[Jackson]: Não, é de forno. Deve ser por isso que ela tá assim.

[Marleide]: É que essa panela aí... É que eu não tive essa idéia, se não eu tinha...

[Jackson]: Papai já volta, rapidinho ele está aí.

[Marleide]: Você gosta disso aí filha? Não, deixa aí Jackson, deixa aí quieto por que demora mais.

[Jackson]: Mas não to falando, é por causa do corte tem que comer logo.

[Marleide]: É rapidinho, enquanto um vai ficando pronto o outro vai... Vai se servindo. Papai foi e já volta tá? Senta aqui.

[Jackson]: Agora eu vou tirar um pedaço de carne aqui e você já bota no seu prato.

[Marleide]: Aí, que delícia. Gostou? Você quer filha? Quer comer? Ela sai que horas, Maria?

[Colega de Jackson]: Uma hora, uma e meia...

[Jackson]: Ela chega aqui quatro horas.

[Colega de Jackson]: Não dá nada pra saber, que essa hora as vezes enche de gente...

[Marleide]: Aí não consegue saber o horário, não é?

[Colega de Jackson]: Passa uma hora e meia a mais todo dia.

[Marleide]: Mas eles pagam as horas extras?

[Angel]: Edmar, quando foio a última vez que você foi para a Bahia?

[Colega de Jackson, Edmar]: Outubro. Fui em Outubro, depois que o Jackson voltou eu fui.

[Angel]: Vai uma vez por ano?

[Edmar]: Não, eu fiquei uns três anos sem ir lá e aí voltei agora em Outubro.

[Angel]: E ficou quanto tempo?

[Edmar]: Uns três anos... Uns três anos sem ir lá.

[Angel]: Não, não... Ficou na Bahia quanto tempo de férias.

[Edmar]: Um mês. Para matar a saudade lá...

[Marleide]: Se eu pudesse, todo ano eu estava lá. Se eu pudesse ir duas vezes eu ia. Quando mais a gente vai, mais a gente tem vontade de ir. A gente vai e só coça, a gente fica com aquela vontade de voltar. A gente chega lá, aí revive tudo aquilo e aí você vê como lá é bom. Aí você volta pra cá e você reacende aquela coisa... Quando você passa um ano, dois anos, você dá aquela esquecidinha, aquela coisa. Quando você vai reviver tudo isso aí você, nossa já chegou já tenho que voltar pra São Paulo. Aí você chega aqui e a saudade fica recente... Fica fazendo plano pra outra viagem... Aí você vê o ano demorar a passar... É assim a vida. Mas quando está chegando próximo da gente viajar, nossa... É felicidade demais! Quando fica faltando um mês agente fica naquela empolgação... E quando chegar lá é só alegria. E o mês passa lá como se fosse uma semana. Você chega lá e já é o dia de voltar. Não dá pra visitar todo mundo, não dá pra fazer o que você queria fazer... Eu passei seis meses e não consegui fazer o que eu queria fazer. Seis meses quando eu passei lá...

[Jackson]: Tá bom, né? O que você acha de sal?

[Edmar]: Não, tá bom.

[Jackson]: Né? Vem com o tio, vem com o tio...

[Outra mulher]: (Não consegui ouvir)

[Marleide]: Não. Nesse mesmo serviço, eu estava nesse serviço e minhas férias eram em Julho. Aí eu saí da empresa, fui embora. Por que assim, me bateu aquele desespero, eu vou sair, eu vou embora... Só que como eu deixei meu namorado aqui, se nesse prazo acontecesse alguma coisa da gente terminar aí eu fico lá. Falei até com ele, eu tô indo para a Bahia e vou ficar um tempo lá, eu quero ir embora. Falei pra ele na empresa. Mas aí aconteceu de eu voltar, fiquei lá seis meses. Aí eu cheguei aqui e eles ficaram sabendo. A minha colega de trabalho morava aqui nesse prédio, e aí eles ficaram sabendo e ficaram pedindo para eu voltar. Aí eu voltei no mês de Setembro e as meninas foram ficar (não entendi) em Setembro, e ficou melhor ainda para mim. Mas lá essa questão de férias eles facilitam para mim. O meu direito é antes de Setembro eu tenho que tirar férias, mas aí se eu falar com eles qualquer mês, esse ano eu quero tirar em Maio, é só falar que eles deixam. Mas depois da volta eu só tirei uma férias. Que assim, antes era em Julho, e eu tirei três férias nesse período. Aí depois que eu voltei para a empresa, que era Setembro, eu não tirei ainda, eu antecipei. Aí assim, eu tô fazendo... Ele é mais difícil de entrar em acordo com a empresa, então assim, eu deixo minhas férias dentro e quando ele fala, não eu vou viajar em Julho, aí eu falo com a empresa para viajar junto com ele. Aí se ele viaja em

Março, eu mudo para março. Aí é isso, a gente deixa isso acertado. Mas aí as minhas férias vencem em Setembro, eu vou viajar em Julho, eu já conversei com eles, por que são as férias dele.

[Outra mulher]: (Não consegui ouvir)

[Marleide]: Mas aí eles já falaram para mim, por que vai vencer a segunda. Em Setembro vai fazer três anos que eu retornei, então eles me falaram que eu tenho que tirar férias antes de Julho para regularizar. Por que eles tem medo de pagar multa, então se a gente passar daquele prazo eles tem o maior medo. E eu também não deixo de vencer muito não por que antes de vencer duas eu já tirei. O máximo que eu já passei na Bahia foram dois anos, no máximo.

[Outra Mulher]: Mas aí agora vocês vão para o Ceará?

[Marleide]: É, esse ano eu vou conhecer o Ceará, por que não conheço nada lá. E eu tenho medo de não gostar lá do Ceará, mas eu tenho que cumprir a minha palavra. Ele foi lá na Bahia e a gente esse ano a gente vai no Ceará, a gente combinou isso então eu vou cumprir. Mas eu já pensei e já disse a ele, que tal se você for pro Ceará e eu for pra Bahia? Aí também não serve por que a família de lá também quer conhecer ela. Aí eu já combinei e eu vou levar pelo menos esse ano. Levo ela, por ele tem o pai dele vivo e as irmãs tem outro filha, aí pra ela conhecer. Aí ano que vem e outro ano eu decido se eu vou continuar indo pra lá. Aí os próximos anos eu vejo, se eu vou ficar revezando indo com ele ou se vai ele pra lá e eu pra Bahia, não é?

[Outra mulher]: (Não consegui ouvir)

[Marleide]: É, depois dela crescidinha ele pode focar aqui, eu posso tirar férias diferentes, eu vou pra Bahia só. Ó, o papai está lá na cozinha. Não chora não.

(Conversas com a Aline para que ela não chore, homens na cozinha)

[Angel]: Edmar, você está mais conformado com a sua vida aqui, o futuro aqui?

[Edmar]: Não, é igual a deles aí. Isso que ela falou aí é o mesmo que a gente passa aqui. Por que a gente vem tudo de lá, é a mesma rotina.

[Angel]: E qual é o sentimento que você chegou e que não era o que poderia ser.

[Edmar]: Não é igual a história do Tião, é diferente de quando ele chegou aí em 90. Hoje já é mais pegando assim o futuro, o que está acontecendo no Brasil, eu estou vivendo hoje.

[Angel]: Mas você está namorando uma mulher que é do Ceará? Nesse ponto, ficar aqui ou prefere morar aonde?

[Edmar]: Ela conheceu a Bahia agora em Outubro e agora quem sabe nas próximas férias eu ir lá no Ceará conhecer lá?

[Marleide]: Se fosse para escolher, você escolhia a Bahia ou o Ceará.

[Edmar]: Bahia. Apesar que no Ceará tem muita praia, acredito que seja melhor que na Bahia mas eu preferiria a Bahia por que é mais perto da minha família. Como minha família é grande e eu sou agregado eu preferia ficar mais perto da minha família.

[Marleide]: Mas se aparecesse oportunidade lá você ficaria, não é?

[Edmar]: Acredito que se eu procurar eu encontro oportunidade lá. E eu iria sim.

[Marleide]: É que quando a gente casa com uma pessoa de outro estado fica nessa, não é? Pode ser que a gente fique na terra do marido ou ele ficar na terra da mulher...

[Tião]: Você tem duas opções, ou vai comigo ou vai para a Bahia sozinha.

[Marleide]: Já eu acho que o Edmar é mais livre, pelo que eu conheço dele eu acho que ele ficaria tanto lá quanto na Bahia. E a Socorro, pelo que eu conheço da Socorro ela gostou da Bahia. O Tião é por que, esse aí... Sem comentários, não é Tião? Ele já foi pra Bahia e já disse de cara que não.

[Outra mulher]: Mas você já conhecia a Bahia?

[Tião]: Não, conhecia não.

[Marleide]: Ela tem mais chance de ficar tanto num canto quanto no outro, por que ela gostou da Bahia.

[Edmar]: Gostou e todo mundo gostou dela. Ela gostou muito de lá. E assim, eu ficaria nos dois, mas pra morar eu preferia ficar na Bahia e de vez em quando ir para o Ceará com ela.

[Marleide]: É complicado isso.

[Edmar]: Só não pode é esquecer do outro, morar na Bahia e esquecer o Ceará ou morar no Ceará e esquecer da Bahia.

[Marleide]: É complicado. Antes de casar com ele eu já ficava pensando, e se eu conhecer alguém que não seja da Bahia? E aconteceu. Era meu medo. Por que isso acontece muito, é muito normal acontecer. A sorte daqueles ou daquelas que conseguem conhecer uma pessoa do mesmo lugar.

(Houve um corte)

[Tião]: Veio aqui para trabalhar, mas se não fossem os nordestinos, o que seria de São Paulo hoje?

[Marleide]: Eles tem um preconceito com os nordestinos.

[Tião]: Eles tem mesmo. Eu trabalho com uma paulista e pra falar a verdade, acho que é a única que eu conheço, o restante eu não sei mais quem é paulista aqui. Eu só conheço nordestino, Piauí, Maranhão, Ceará, Pernambuco e aí vai... Mas falando com ela você vê no tom de voz dela.

[Outra mulher]: E o que você percebe?

[Tião]: Você percebe que é meio chatinha, sabe? Aí eu falo com ela e ela não conhece nem um pé de coqueiro. Não sabe. E eu falei, você vai morrer e não vai conhecer um pé de coqueiro. Ah mas eu conheço um pé de coqueiro! Aonde?

[Marleide]: Eles acham nordestino inferior a eles.

[Tião]: Nunca sabem. Eu falei pra ela, você não sabe o que é alegria na vida. Aí ela fica com raiva. Eu falei, se você for pro Ceará você nunca mais volta a São Paulo. Ah eu volto. Volta não, se você for pra lá você se apaixona por lá.

[Jackson]: É verdade mesmo.

[Tião]: Aí ela fica com raiva.

[Marleide]: Eles acham que nordestino é inferior.

[Jackson]: O Brasil tem tantas coisas bonitas e tem gente que vai lá pra fora... Não conhecem o local.

[Tião]: As pessoas não conhecem o Brasil, mas todo mundo quer conhecer lá fora. Pois eu não tenho o que conhecer lá fora não.

[Outra Mulher]: Você deixou de ir pra Alemanha, né?

[Tião]: Eu preferia conhecer o Brasil que tem muito lugar bonito do que conhecer lá fora.

[Jackson]: Na Bahia então, nem se fala.

[Outra Mulher]: O que você quer conhecer do Brasil?

[Tião]: No Brasil eu fui... O único lugar que eu quero ir e tenho medo é o Rio de Janeiro. Tenho medo. Sou muito medroso. Mas eu quero ir conhecer o Pão de Açúcar, quero conhecer o Cristo Redentor, ir nas praias ali. Mas um dia eu vou ali.

[Outra Mulher]: Mas é pelo que fica passando na televisão...

[Tião]: Pelo que fica passando na televisão. Só tragédia, pois é. Mas se eu disser que eu não tenho medo eu tô mentindo. Mas eu quero conhecer o Rio de Janeiro.

[Outra Mulher]: Você nasceu no Ceará, já foi a Bahia, São Paulo, o que mais?

[Tião]: Eu já fui no estado do Piauí, já conheci. Eu quero ir no Maranhão conhecer os lençóis maranhenses, quero ir.

[Edmar]: A rotina é essa, aqui é ao vivo mesmo. Já estou atrasado, nem me arrumei direito e já to indo trabalhar. Queria ficar com vocês mas infelizmente não posso. E amanhã eu estou de folga e ele não tá, então aproveita hoje que eu vou aproveitar amanhã. Tô indo lá, vou nessa.

[Tião]: É, a vida da gente é assim mesmo, é correria mas é bom. Mas eu gosto daqui de São Paulo. Gosto. Eu gosto demais.

[Outra mulher]: E do que você gosta?

[Tião]: De tudo! Por que você chega lá no Ceará, lá na Bahia...

[Marleide]: É por que ele é agitado e São Paulo é uma cidade agitada.

[Tião]: Eu sou agitado. Sete horas da noite, oito horas da noite, todo mundo dormindo. Ah não vale, aquilo me deixa irritado. E olha que eu era de lá e eu era assim, né? Mas aí chega aqui... É que eu gosto disso aqui vinte e quatro horas. Antigamente eu ia para lá e passava um mês, hoje eu não passo mais um mês. Dá dez, quinze dias e me dá vontade de voltar. Não vai. Ou você chega num lugar, eu que gosto de tomar uma cervejinha, eu vou pra um bar e se eu ficar lá o cara não fecha. Por que eu estou bebendo e o cara vai ter que ficar lá comigo. Pra dormir cedo, por que não dá pra dormir cedo. Não me acostumo mais não.

[Jackson]: Tião! Você falou que era seis minutos?

[Tião]: Não o tempo que eu coloquei ele vai desligar sozinho. Tem aqui ó. Você vai aqui no bairro do limão, que é o CTN, que é a Casa de Tradições Nordestinas, você vai lá é meio que estar no Ceará.

[Marleide]: E também a turma, a sua turma.

[Tião]: A turma, que a gente conhece, que é do Ceará e que a gente se junta.

[Marleide]: Então ele faz um almoço ou alguém faz um almoço e chama ele. Então se não for um baiano é cearense, ou é de São Paulo mas por exemplo, o espaço, nós estamos em São Paulo. Mas aí é todo mundo do Ceará, ele faz o almoço e é todo mundo do Ceará. Então todo mundo vai falar do Ceará, das coisas do Ceará, então é como estar vivendo no Ceará. É como no meu caso também. Quando a gente encontra pessoas da Bahia a gente vai falar de coisas da Bahia também. Vai relembra, isso e tal. Aí nesse momento a gente se sente na Bahia.

[Tião]: Hoje mesmo eu tinha um almoço pra ir. Mas eu cancelei. Pra ficar aqui, por que o Jackson falou que tinha e aí não dava para ir pros dois. Mas um colega meu lá do Ceará, o padrinho dela (Aline).

[Marleide]: Aí as vezes eu vou pra lá, ele já me convidou várias vezes, e eu não conheço o Ceará. Aí eles ficam falando, ah é isso lá, e fulano e isso lá. E eu não conheço nada, eu fico lá, só escutando.

[Tião]: É um guia turístico. Mas é por que assim, é igual a ela. Eu sou da beira da praia, então é totalmente diferente, eles não são da beira da praia. É diferente. Todo dia eu ia para a praia às seis horas da manhã, acordava e ia pra praia, já ia tomar banho. Ó, ele apitou. Apitou, puxa ali a gaveta e vê se tá bom. Se não tiver gira aquele botão e deixa mais um pouco, vê lá. Aí a gente trabalhava com peixe. Hoje em dia, não tem aquelas latinhas de sardinha? Se um cara me oferecer aquelas latas de sardinha eu vou passar fome. Eu não como mais sardinha.

[Outra mulher]: É abstinência?

[Tião]: Não. Imagine na sua vida 500kg de sardinha na sua frente e você tem que tratar ela.

[Outra mulher]: Você tem trauma.

[Tião]: Nossa, não vai mais. Uma vez eu fui na casa de um amigo meu e ele fez farofa de sardinha. Eu inventei que eu não estava com fome, morrendo de fome. Não comi. Não como mais. É por que eu enjoiei o cheiro do peixe. Era todo dia 500kgs de sardinha, todo dia, desse tamanho, pra você tratar ela todinha. Por que meu pai trabalhava com peixe. E naquele tempo, você trocava por goma... Por que assim, a gente tinha o peixe, e a gente chama assim o cara da mata, que mora longe, ele tinha a farinha. Então ele vinha pra praia trocar a farinha e a goma pelo peixe. Então lá em casa a gente nunca comprou um quilo de goma, um quilo de farinha, um quilo de açúcar, a gente não sabe o que é isso. A gente comprava a saca. Era troca. Então papai comprava as sardinhas, 500kg. Lavava a sardinha, limpava, secava e trocava pela goma, farinha, essas coisas. Então hoje em dia o cara me oferece sardinha, eu não vou comer. Não vou por que eu enjoiei daquele cheiro do peixe.

[Outra Mulher]: (Não consegui ouvir)

[Tião]: Ah foi bastante tempo. Todos os peixes eu como, agora a sardinha não vai mais não. É, enjoiei tratando elas todo dia.

[Outra mulher]: E qual o peixe que você mais gosta?

[Jackson]: Vamos almoçar, vamos almoçar!

[Tião]: Já está pronto? Espera o negócio ficar pronto.

[Jackson]: Tá pronto.

[Tião]: Não, não tá não. Espera mais um pouco pra ficar pronto. Vê lá. Entendeu? Aqui você encontra os peixes que eu gosto. Que também não é qualquer peixe que eu como não.

[Outra mulher]: Ah não? Peixe de mar, de água doce?

[Tião]: Peixe de água doce eu não como não. Que não vai, é sem sal. O pessoal me chama de chato e realmente eu sou chato por isso. Eu gosto do, aqui eles dão outro nome, do serra, da cavala, a anchova, a cuvina, entendeu? São os peixes que eu gosto. Aqui eu me acostumei a comer salmão, eu gosto de salmão. Salmão não tem no Ceará. Não tem. Por que o salmão vem do Chile de águas frias. Mas eu gosto de comer salmão, tem gente que não gosta de comer salmão, eu adoro salmão. Não sendo sardinha na minha vida, pelo amor de Deus. Prefiro ovo a sardinha. Por que a sardinha, só quem passa é que sabe, o cheiro do peixe você toma banho e não sai. Ai não vai, não é besta, é que não vai mesmo. E era todo dia, todo dia. Então não ia.

[Angel]: Mas agora você tem que lidar com o peixe, por se não...

[Tião]: Não, é.

[Outra mulher]: Mas e no trabalho, você prepara ela ou passa pro assistente?

[Tião]: No trabalho eu sou garçom. Mas no trabalho é só salmão, badejo, linguado... Linguado é bom demais, muito gostoso. E olha que lá no meu lugar eu não sabia o que era linguado, fui conhecer em São Paulo. E lá eu jogava o linguado tudo fora, não sabia que peixe era. Lá nós não conhecíamos como linguado, por que o linguado é aquele peixe fininho com o olho em cima. E lá pega muito e nós não conhecíamos. Quando eu descobri que era linguado, desperdicei o melhor peixe que eu tinha. E é gostoso, nossa, é bom demais. Com um molhinho de alcaparras, nossa, é bom demais. Vamos comer! Vamos almoçar. (...) Mas era uma vida boa. Não era pra eu estar aqui não.

[Outra Mulher]: Hoje você dá valor.

[Tião]: É, hoje eu dou. Naquele tempo eu era jovem, você não pensa. Quem ficou lá da minha época hoje é tudo... Eu estava entrando na vida de professor também, eu era professor, eu ensinei seis meses. Todos da minha época hoje em dia são professores.

[Outra Mulher]: E você disse que não ia voltar.

[Tião]: Não, hoje em dia não. Hoje em dia tudo mudou. Tem que ter concurso agora. Agora está mais difícil. É, mas não tenho mais paciência não. Posso até conseguir, mas a minha cabeça já...

[Outra Mulher]: (Não consegui ouvir)

[Tião]: Não sei com o que eu ia mexer não. Mas hoje em dia tem a pesca da lagosta, tem muita lagosta. Podia ser a lagosta, hoje o quilo da lagosta está 80, 90 reais. Então aí já dá um bom dinheiro.

[Outra Mulher]: Você sabe pescar lagosta?

[Tião]: Não, não vou pro mar não. Nem nadar eu sei. Morei dentro do mar e não sei nadar, nunca aprendi.

[Outra Mulher]: Só pega onda.

[Tião]: Só pegava onda na beira. Mas nadar não é comigo não.

[Outra Mulher]: Mas ninguém te ensinou?

[Tião]: Eu acho que eu nunca quis aprender, tinha medo do mar. Gostava de tomar banho, mas pra ir lá mais para o fundo já... Aí eu tinha medo de ir pro mar quem não era acostumado, ficava provocando. E eu não provoço não, por que eu ia aqui pra Ubatuba e fazia passeio de scuna. Então pra ir em Ubatuba, Ubatuba eu vou demais. Tem um primo meu que trabalha com embarcação, então ele trabalha com os barcos, iates, essas coisas. Então a gente faz passeio de barco e não paga nada. Aí a gente anda uma hora de barco e vai pra outra ilha do outro lado. Interessante que lá antigamente tinha um presídio lá que fizeram numa ilha, no meio do nada, então o preso não tinha como voltar, se quiser fugir não consegue. E eu achei interessante a

história. Hoje em dia é ponto turístico lá, se não me engano é ilha do Anchieta. Que você vai e era um presídio. Hoje em dia é abandonado, é só pra turistas. Já fui várias vezes. Já por que quando você desce na beira da praia ele é do lado da praia. Tem os guardas florestais que te levam e te dão uma palestra. Não pode sujar a praia, o lixo que você consumi você tem que catar e jogar fora.

[Jackson]: vamos? Tá no esquema.

[Outra Mulher]: E disseram que você gosta de cozinhar também, que você cozinha muito bem.

[Tião]: Eu gosto. No Natal quem faz a comida sou eu. Se ela chegar perto do fogão eu expulso ela. Eu faço peru, pernil, salada, maionese, arroz, vinagrete, sobremesa... Mas é tudo eu.

(Almoço, diálogos pequenos)

ENTREVISTAS JACKSON CARRO

SÃO PAULO -

Clips no projeto "DIA 38" do Final Cut

[Jackson]: Então, eu moro aqui a quinze anos. Quinze anos só de São Paulo, quinze anos de Paim. Sempre trabalhei e morei na mesma rua. Conheci muita...

[Beto em OFF]: Esse asfalto aqui tá horroroso, meu Deus do céu.

[Jackson]: Esse aqui tá mesmo. Aqui é uma rua meia esquisita aqui... Já vi de tudo, já vi de tudo não, já vi muita coisa ruim mas também presenciei também coisas boas, né. Aqui quando eu cheguei aqui ó, esse viaduto aqui ele era interditado, ele não funcionava em cima, ele não passava carro em cima não. Isso aqui era tudo, esse asfalto aqui era horrível cara, os pontos de ônibus aqui era tudo um pauzinho assim, sabe? A referencia do ponto do ônibus era só um pauzinho... Esgoto horrível... Melhorou essa parte, né, a urbanização. Porém, o que tem de mendigo... Olha só isso aqui, ó. Isso aqui sabe o que aconteceu? Isso aqui era uma quadra, ainda é uma quadra, né. A gente jogava bola a noite aí, era perto de casa, né. A gente trabalhava e

depois vinha jogar bola aí. Agora esse prefeito novo aí pra esconder os mendigos ele colocou tudo de baixo do viaduto, colocou essa lona aí pra tapar o sol com a peneira, como diz aí...

[Beto em OFF]: Pra esconder, né?

[Jackson]: Pra esconder, exatamente. Eles tiraram daqui e botaram lá. Mas não tem jeito, é muita gente... É muita gente... Não tem nem... Dia desses eles colocaram uma placa aí, que aqui é moradia.

[Angel em OFF]: Quando você chegou aqui essa situação era mais rara?

[Jackson]: É, sempre existiu, né? Mas era pouco, seria pouco. Hoje você sai na rua, dá uma coisa ruim assim, sabe? De ver tanta gente na rua, tanto mendigo, tanta gente passando fome que você fica com a sensação ruim... Vou passar aqui num lugar que tem um amigo meu que mora aqui, que quando eu vou na casa dele, lá pra visitar ele eu fico, meu deus do céu... Chocado, chocado... É muito mendigo e você vê tanta roubalheira, é tanto dinheiro na mão dos políticos e muita gente na rua passando fome, passando necessidade. E aqui, aquele viaduto ali na frente ele é o começo da Radial Leste, né. Então, como é um período de chuva, eles se protegem de baixo do viaduto. Aí eles fazem comida, colocam mesinha e fazem a festa. Só que a noite, pelo amor de Deus, é horrível. Você passar aqui a noite é muito perigoso, assaltam... E muita coisa. Olha aqui ó que cenas que você aqui no cotidiano, olha pra isso. Olha só! Entendeu? Você vai ali pro lado da praça da Sé e a mesma coisa, é um ponto turístico... Olha, ali é tudo morador de rua que não tem pra onde ir, não tem moradia. Eles não tem tipo casa pra morar então eles... Olha! Esse mercadinho aqui é de um amigo meu. De vez em quando eu vinha aqui a noite conversar com ele, mas agora eu nem venho mais. Toda vez que a gente vem pra cá é... Mexe assim com a gente sabe? E a gente presencia, né? As vezes não acontece com a gente mas você vê de pessoas assaltando assim, sabe? Na sua frente... Essa rua aqui que a gente passou ela é um pouco escura a noite, a iluminação aqui é péssima. Então eles aproveitam. Além de debaixo do viaduto ali, Deus me perdoe meu Deus, Tem muita gente ali também que só tá pra fazer a maldade. Assaltar a noite... Tem um parente longe que ele teve câncer de garganta e ele não tinha recurso, ele era um senhorzinho, ele morava nessa rua, Maria José, ele morava lá em cima. Muito amigo da família, inclusive padrinho do Vanilton ele. E ele teve câncer ficou aí num quarto e eu ia visitar ele. Visita de meia hora e eu deixava o carro no estacionamento com medo de você deixar na rua. Por que tinha lugar pra deixar mas com medo de sei lá, as pessoas quebrarem o vidro... Aqui é a famosa Três de Maio. Te falei ontem da festa da achiropita? Essa festa ela acontece aqui, nessa rua Três de Maio. A cathedral fica caqui, a da achiropita. E no mês de Agosto, diz que é quatro finais de semana, isso aqui lota, isso aqui lota, meu Deus... O mês inteiro! Comida italiana...

(Parada do carro e corte)

[Jackson]: Essa rua aqui em baixo foi onde eu tirei minha carteira de motorista, fiz as aulas... Eu tirei faz uns anos, vou ter que renovar.

A famosa Vai-Vai! Aqui é onde tem os ensaios das escolas de samba! O prefeito, sei lá quem foi, queria tirar eles daqui por que aqui futuramente vai ser uma estação de metrô. Aí queriam tirar os ensaios daqui, mas não conseguiram não.

[Angel em OFF]: O novo prefeito?

[Jackson]: Não, isso já do antecessor desse que ta aí agora. Mas não conseguiram não. Inclusive eu acho até que tem ensaio hoje, já tão fechando tudo aí... Mas é um barulho que eu vou te contar. Escuta lá de casa. Olha, não, não curto carnaval não. Dancei muito carnaval já, mas aquele carnaval lá do nordeste. Era mais saudável. Era bom. Botando aquelas caretas... Ta tendo uma coisa legal lá na minha cidade, Lagoa do Saco, que eu participaria se estivesse lá. Adivinha o que? Um jogo de saia! Você nunca ouviu falar não? Inclusive um amigo meu tira férias, ele faz questão de tirar férias no carnaval pra poder ir pra esse jogo de saia.

[Angel em OFF]: E como é?

[Jackson]: É assim, os homens se vestem de saia pra jogar bola. As mulheres maqueiam todos os homens lá, coloca batom, aquela coisa ridícula, feio pra caramba... E vão jogar bola de saia, maquiada, peruca de mulher e tudo. Só pra fazer gracinha. O Ivan, pode ter certeza que no dia seguinte ta postando as fotos lá todo se achando. Tudo rapaz, umas figuras. Todo ano a mesma coisa, passou o carnaval chega as fotos. Eu faria isso. Teve um carnaval de Salvador... Pessoal da Bahia de Salvador, pelo amor de Deus, começa o carnaval eles não querem parar mais. A festa começa e entra a quaresma e eles ainda tão pulando o carnaval. Mas ali é só bonita aquele parte que a tevê pega. Mas uma vez eu tive o desprazer de passar lá, mas pelo amor de Deus, é muita briga, muita confusão... Eu não gostei não.

[Angel em OFF]: Você faz o que aqui no carnaval?

[Jackson]: Olha, aqui na Bela Vista tem um bloco. Bloco carnavalesco, né, digamos assim. Esse bloco se chama esfarrapado. Ele é aqui do bairro do Bexiga, ele é aqui do pessoal do Bexiga aqui. E todo eu vou nesse bloco. Mas é por que não tem nada pra fazer e tem muita gente conhecida, aí eu vou pra lá né, rever os amigos... Muito bacana. Mas eu fico lá, de boa, tranquilo. Não sei dançar muito, pular essas coisas... Na Treze mesmo, ali onde a gente passou, na achiropita, na mesma rua da festa da achiropita. Aqui é o vale do Anhangabaú. Agora inventaram moda de fazer festa aqui nesse parque. Aqui tem um tal de Virada Cultural, já chegaram a assistir essas festas aí? É uma festa que dura eu acho que um fim de semana. Ele montam palco, contratam banda, dia e noite banda, festa... Pelo amor de Deus cara, eu não aprovo isso não. Uma vez eu vim, mesmo por curiosidade né, pra ver. E vim um dia numa festa de Virada Cultural e meu amigo eu vou te falar uma coisa, olha que eu não me surpreendo com qualquer coisa não. Mas esse dia eu me surpreendi com a droga que rola, meu Deus do céu. Pessoas jovens, sabe? Crianças praticamente. Bebendo, usando droga... Sem falar nas outras coisas, nas consequências que isso tudo causa, que morre gente e essas coisas. E ainda fala que é cultura isso. Aonde? Uma vez eu achei R\$2 numa festa dessas aí. Eu tava com uma namorada minha na época e eu fiquei todo sem

graça. Eu falei, aqui não é lugar de gente não, vamos cair fora daqui. Inclusive nessa época, o meu irmão Ivan tava comigo. Inclusive eu fui pra sair com ele, pra passear., vamos nessa Virada Cultural pra ver como é que é. Aí depois a gente foi pra uma padaria tomar chá. Tava meio frio... Lá era muita droga.

[Angel em OFF]: Essa era uma questão da sua mãe quando você veio morar aqui? Do perigo?

[Jackson]: Foi, foi. A minha mãe ela sempre... Eu sempre lembro uma frase que minha mãe falou quando eu vinha pra cá. Ela falou, meu filho não vá não, cidade grande é perigoso. Naquela época era o que as pessoas falavam. E também né era uma coisa que, não a minha, mas todas as mães elas tem medo de um filho caí nessas tentações. E eu inclusive se fosse pra... Assim, digamos, eu tive que ser muito forte. Eu já tive amigos que foram mortos... Eu tenho uma amizade grande com pessoas erradas que você precisa ver, infelizmente eu tenho. Mas não me arredo não, por que acho que a pessoa tem que se garantir. Agora mesmo, onde eu moro lá, tem muitos amigos meus que saem da cadeia e me vê e é aquela satisfação... Oh Jackson, você ta aqui ainda na Painha? E eles vão preso, voltam e eu tô na Painha... Muitos amigos meus que chegaram do Norte entraram nessa vida. E outros também, aqui paulistas. Um amigo meu uma vez, a mãe dele é minha amiga e vejo ela todos os dias, mataram o filho dela naquela galeria, de tiro. Ele era traficante, muito meu amigo. Amigo assim, por que a gente trabalhava no caixa e eles vinham comprar. Muito simpáticos, nos respeitavam e a gente respeitava eles. E eu acho que foi gerando sabe, aquela amizade, aquela coisa. E um dia também eu discuti com um amigo meu que a gente tava lá no prédio e ele me ofereceu e eu disse que não queria. E ele ficou falando, ah seu bunda mole. E eu falei não a gente é amigo mas isso não quer dizer...

[Angel em OFF]: Mas que tipo de droga?

[Jackson]: Maconha. Ele chegou a fazer um cigarro. E eu graças a Deus nunca fiz coisa errada. Então uma vez, na sexta-feira da Paixão, eu tava com o Tião e a Aline, tava muito chovendo e o Tião pegou... Eu falei com minha irmã, a gente ia pegar um taxi pra ir pra Paim, a gente tava lá na Rua Humaitá. Eu falei pra minha irmã, pega a Aline e coloca no braço que a gente pega o carrinho e pega o taxi do outro lado, que o fluxo de taxi era lá do outro lado. Na hora que eu fui atravessar com o carrinho, eu pisei num bueiro de água e meu pé entrou e eu escorreguei e bati isso aqui no chão. Arrebentei o queixo. Aí eu chamei um taxi, eles foram embora e o Tião me levou pro hospital. Eu tava com a barba grande e chegando no hospital a mulher lá costurou por cima da barba com tudo. Beleza. Aí na mesma noite eu fui embora. Peguei um taxi e quando eu cheguei na Painha a primeira coisa que quando eu descii do taxi, foi o chefão das coisa errada perguntar pra mim, o que foi Jackson? Quem foi que nós vamos lá buscar ele agora. Não, eu só caí numa queda, entendeu? Graças a Deus eu nunca me envolvi com coisa errada.

[Angel em OFF]: Então na sua galeria na época tinha uma boca de fumo?

[Jackson]: Ainda tem. É que vocês não perceberam. E é que hoje tá fraquinha.

[Angel em OFF]: E a gente filmando lá, ninguém reclamou.

[Jackson]: Ontem, na hora que aquelas moças chegaram e eu fui no apartamento buscar cerveja pra elas, que lá não tinha cerveja... Chegou um e falou pra mim, esbarrou em mim e perguntou, que é muito amigo meu. Aí ele perguntou, e aquele pessoal, o que é mesmo que tá acontecendo? Com medo de ser, né... E aí eu falei, não é um pessoal amigos meus que tão fazendo uma matéria aí mas super de boa. Aí ele, ah tudo bem então. Oh aqui ó, quem passa de dia aqui, quem não conhece passa despercebido mesmo, mas aqui é o centrão da noitada aqui. Aqui depois das dez, meu amigo... Nós estamos na rua da Consolação que é um dos lugares da balada, das noitadas pesadas aqui de São Paulo. Muita casa noturna, muita casa de prostituição, aqui começa cedo aqui.

[Beto em OFF]: Ali tem um ninho delas, ali.

[Jackson]: Tem, ali tem um ninho delas, ali. A noite elas tão tudo aí.

[Angel em OFF]: Mas você me contou antes que quando você chegou em São Paulo você gostava muito da noite de São Paulo.

[Jackson]: Bastante, mas eu frequentava muito os bares daqui. Isso aqui é tudo casa noturna. Inclusive eu tenho um amigo meu que trabalha numa casa ali que eu frequento muito lá. Que como é perto de casa a gente sai a noite, se diverte bastante. Só que naquela época não tinha... Era uma balada mais saudável, entendeu? Hoje essa área aqui, não sei se vocês chegaram a conhecer ali o shopping Frei Caneca, num presta mais por que é muito travesti, é muito homem com homem, sabe aquela coisa que dá uma agonia na gente? Esse pedaço aqui se você passar aqui a noite o que você é homem de mão dada, naquela época não era assim. Então muita gente que gostava de vir aqui e tomar uma cervejinha curtir uma noite decente, não vem mais, entendeu? Eu mesmo já desisti.

[Angel em OFF]: Mas o evangelho não diz que Cristo andava com prostitutas, os homossexuais, os ladrões, ele se envolvia com toda essa gente também.

[Jackson]: É a gente... Como diz aí, a gente tá no fim dos tempos. Então, sei lá.

[Angel em OFF]: Mas a sua família tem bastante tolerância dentro da igreja.

[Jackson]: Mas não é questão de tolerar, por que eu não tenho nada contra. Mas é que sei lá. É falta de costume, você não consegue ficar vendo aquilo. Eu mesmo, acho o feio demais, Deus que me perdoe. Esse shopping aqui é o shopping Frei Caneca, mas dizem que agora tão querendo mudar o nome dele, botar shopping gay caneca.

[Jackson]: Quando eu cheguei em São Paulo um dos lugares que eu mais gostava de ir, nossa eu amava ir, era o Vale do Angabaú. Tirar foto, achava lindo demais. Hoje quando eu passo lá eu me lembro de quando eu cheguei aqui que vim pra São Paulo, de como eu adorava tirar foto aqui. Inclusive lá em casa tem um monte de foto lá, eu sozinho no Angabaú. Eu ia com minha irmã e tirava foto, minha irmã tirava foto de mim e eu tirava foto dela, não tinha essa tecnologia de hoje, né. Por que quando eu cheguei em São Paulo, nem celular tinha, só tinha aqueles telefones fixos né. Quando eu comprei meu celular eu lembro a minha alegria, nossa, eu parcelei em 10 vezes nas Casa Bahia.

[Angel em OFF]: A outra irmã era a Marli?

[Jackson]: Era a Marli. Nossa, quando ela foi embora me deu uma saudade. Eu falava pra ela que ela era a minha irmã daqui. Ela já morava bastante tempo aqui quando eu cheguei. Só que aí assim que eu cheguei ela foi embora. Na época ela morava numa “kit” e quando eu vim pra cá ela fez questão de alugar um maior pra poder eu morar com ela. E eu sem trabalhar, ela que pagou. Aí eu consegui emprego e comecei a ajudar nas contas né, mas depois ela foi embora. Foi um ano que eu fiquei aqui ainda com ela. Naquela época o ano demorava pra passar... Hoje não.

[Angel em OFF]: Na época que você chegou tinha menos carro?

[Jackson]: Tinha, tinha. Quando eu cheguei em São Paulo eu não tinha contato assim muito com a... Não tinha muitos amigos, por que quando você vem as amizades você vai conseguindo, conquistando com o tempo. Eu não tinha amigos cara, ficava em casa sozinho. Aí todo mundo já sabia minha folga, meus amigos da época, as pessoas que já estavam aqui, tudo pessoas mais velhas, que já estavam aqui muito tempo. E eu só fazia uma ligação no dia da minha folga que as contas vinham caras, as contas de telefone e eu não tinha pra quem ligar também. Mas aí eu ligava na minha folga pra dois amigos meus que folgavam no mesmo dia, hoje eles tão lá na Bahia. E a gente ia lá pro apartamento de um deles aí tomava umas caipirinhas... E aí rapaz a gente tomava umas caipirinhas, ouvia música e voltava cada um pras suas casas, agora só daqui uma semana. Aí depois foi chegando gente, meus primos que, o pessoal do norte, do meu local lá da minha idade, vieram tudo depois de mim. Aí a gente recebia eles, fulano quer vir pra São Paulo, manda ele vir que ele fica com a gente até conseguir um emprego. Aí foi aumentando a gente e hoje graças a Deus eu tenho muitos amigos.

[Angel em OFF]: Você se sente paulista?

[Jackson]: Não, me sinto paulista não. Eu ainda me sinto, como que fala. Pra mim eu ainda sou um caipira mesmo da roça, a gente ta aqui por que precisa trabalhar. Mas eu gosto de São Paulo, gosto muito. Mas o meu negócio mesmo é, quando tem a oportunidade meu lugar é a Bahia e a roça. Não me sinto... Eu gosto tanto de roça de mato, que quando tenho a oportunidade eu vou pro interior. Eu rezo pra pegar uma folga assim, duas na semana, dois sem com folga.

[Angel em OFF]: Mas interior de São Paulo?

[Jackson]: Interior de São Paulo. Mas eu não penso duas vezes, vejo assim ó que maravilha não to aqui, fui. Aí chego lá e deixo o carro lá. Jacareí. Aí vou pras roças, ponho chinelo de dedo, muito bom.

[Beto em OFF]: Vem cá e como é que foi esse primeiro período em São Paulo?

[Jackson]: rapaz, eu pensava muito coisa na época, pensava muita coisa. Na época, uma coisa que me judiava muito era a saudade da família, os primeiros dias sabe. Ficava lá vendo televisão, trabalhava muito e ficava muito em casa. E na época eu era muito parado pela polícia, acho que a polícia não gostava muito de mim. Toda a voltinha que eu dava na calçada tinha que vir um policial e mandar ir pra parede. Mas

meu Deus, até meu tio hoje ele fica falando desse tempo. Aí toda vez que a polícia me parava eu pensava, vou ficar nesse lugar não. E poucos amigos e aí arrumei emprego num restaurante, ganhava pouco, entendeu? Mas também não podia ir por que lá também não ganhava nada, entendeu? Aí era o jeito de se conter com aquilo lá. E não tinha dinheiro pra se divertir, por que na época, um dos motivos que me fez permanecer aqui era ajudar a família. E eu mandava uma metade pra Bahia, por que lá não tinha como. Quem podia ajudava o outro. Mas eu passei por muita dificuldade aqui, não financeira, mas digo, sem amigos... Sem poder sair no primeiro ano por que não podia gastar...

(Corte)

[Jackson]: Então, aí na época eu ganhava pouco, tinha que ajudar a minha irmã a pagar as contas. Quando eu não trabalhava eu não pagava as contas mas depois eu ajudava. Aí eu ajudava ela, ganhava pouco e tinha que ajudar meus irmãos também que também tavam precisando e não sobrava. As vezes eu juntava assim um pouquinho e juntava pra gastar, pra sair e pra se divertir. E aí rapaz, foi indo, foi indo e melhorou as coisas e aumentou o salário, aí teve férias né... Aí eu fui lá de férias. Um ano e alguns meses. Foi muito bom. Mas aí eu voltei e bateu aquela saudade tudo de novo. Toda vez que você vai e você volta você sente saudade, mas os primeiros anos eram piores.

[Angel em OFF]: E você chegou com quantos anos em São Paulo?

[Jackson]: Dezoito, dezoito anos.

[Angel em OFF]: Mas chegou de ônibus? Quanto demorou a viagem?

[Jackson]: Boa pergunta. Eu vim de ônibus em trinta seis horas. Na época um amigo meu, ele que me trouxe. Quando eu digo ele que me trouxe é assim, a companhia. Ele tava de férias lá e eu nunca tinha saído, na verdade eu nunca tinha saído de casa né, mas ele disse não eu levo você lá, chegando na rodoviária sua irmã pega você lá. Foram quase quarenta horas, cheguei e não conhecia nada. Uma vez eu me perdi a noite, me perdi bem em frente ao prédio, do lado do prédio. Olha, foi complicado. Mas as coisas foram melhorando.

[Angel em OFF]: A primeira lembrança que você tem de São Paulo.

[Jackson]: Na época fazia muito frio. Hoje é bem menos. E a gente acostumado com aquele solzinho, lá a gente nem sabia o que era frio por que era verão o ano todo. Uma vez nesse período que eu estive com a minha irmã, o marido dela chegou a viajar de férias. E eu fiquei só eu e a minha irmã. E a minha irmã ela fazia tudo pra mim, ela lavava minha roupa, ela cozinhava, eu chegava e ela tinha feito a janta. E no mês de Julho tava tão frio que eu tive que dormir com duas calças, meia, touca e luva. Foi um mês, mais de um mês, que olha eu não vou mentir não, eu fiquei um três ou quatro dias sem tomar banho. Mas eu sofri, era muito frio. E outra coisa que me recorda muito, foi lá na Rua Paim na esquina. Quando a Paim era bem perigosa, eles colocaram uma base da polícia lá. E aí tinha dois turnos, o turno do dia e o turno da noite. E eu trabalhava lá pra Eliana e hoje onde tem aquela loja de marcenaria era um bar. Então o que aconteceu, o dono do bar ele doava a marmitta, a janta e a gente doava o

refrigerante pros policiais pra eles fazerem a segurança da gente. E ficou um ano, dois anos, e aí foi criando uma amizade com os policiais, e aliás um deles muito simpático, era um amor de pessoa. Rodolfo, nunca mais vi ele. E a gente foi pegando o dia a dia, foi ficando amigo e não sei se você se lembra de uns ataques que teve aí à policiais, às bases de polícia tem uns oito anos...

[Angel em OFF]: Lembro, o PCC.

[Jackson]: É, exatamente. Uma vez eu fui no salão e voltei umas três horas da manhã, duas horas da manhã subindo a Paim. E tava um pouco frio nesse dia e os policiais a noite ficaram tudo dentro da base da polícia. Aí eu fui lá né conversar com eles, já éramos muitos amigos e fui lá entrei na base conversei com eles e fui-me embora. Quando eu dei as costas, rapaz aconteceu um ataque lá e mataram uma metade. Eu tinha acabado de sair de dentro cara. Foi a luz de Deus. Quando eu dei as costas... Quer dizer, eu não fiquei sabendo se foi exatamente quando eu dei as costas, por que eu só fiquei sabendo no outro dia quando eu desci. Mas deve ter sido pelo horário mais ou menos na hora que eu saí. Que assim que eu subi, deitei. Aí desci no dia seguinte nego me contando, aí Jackson fiquei sabendo que você tava aí conversando com os caras aí, tá vendo aí ó. Aí mataram não sei se foram três... Meu Deus do céu, fiquei em choque. Aí eu nunca mais quis saber...

[Angel em OFF]: Mas você era amigo de todo mundo.

[Jackson]: Tudo. E nem discrimino. Eu acho que independente do que você faz, isso em geral, a amizade, o carinho, o respeito pelas pessoas é o que te faz ficar amigos. Um exemplo, uma pessoa é traficante ele mexe com coisa errada tudo. Mas ele me respeita, eu respeito ele, tenho nada com a vida dele. E uma vez um cara falou assim pra mim, não, eu quero é respeito. Ó, aqui é o Teatro Municipal.

[Angel em OFF]: Você já foi?

[Jackson]: Nunca entrei aí cara. Não sei, acho que ainda não passo. Quando eu falei que vinha tirar foto aqui era nesse parque. Mas nunca entrei. Acho que não sei é por que eu nunca me dispus a acho que vou lá hoje. Eu nunca fui aqui num cinema em São Paulo, eu nunca fui num cinema.

[Angel em OFF]: Seu programa de lazer então era um bar, uma balada?

[Jackson]: Eu gosto muito de sair com os amigos, gosto muito. Churrasquinho, sabe? A gente foi lá numa praça de alimentação e pediu uma torre de chopp, fui na casa de um amigo e assamos uma carninha. As vezes um amigo liga, o Jackson você tá sumido vem aqui em casa, e eu vou na vila. Mas nunca fui no cinema.

[Beto em OFF]: E no Morumbi você já foi?

[Jackson]: O único estádio que eu fui assistir um jogo foi o Morumbi e agora o Itaquerão, fui assistir dois jogos já. Itaquerão eu fui duas vezes que eu fui uma pra conhecer. Sou corintiano roxo então eu fui lá ver como que estava a obra. É que na verdade eu falo que sou corintiano mas não sou aquele fanático também, sabe. É que é caro também. Na época não era caro.

[Angel em OFF]: Seu tio falou muito de um menino ingênuo que as pessoas tentavam tirar proveito dele...

[Jackson]: Aconteceu muito isso comigo. Você querer ajudar as pessoas, sabe, achar que todo mundo é bonzinho, sempre fui assim. Só levei paulada. Ajudei muita gente. Não me arrependo não, cara. Mas é ruim né, você confiar nas pessoas e as pessoas não te darem aquele retorno.

[Angel em OFF]: E a namorada?

[Jackson]: Olha, o início, quando eu vim pra cá, eu tinha uma namorada lá. Aí a gente namorou lá acho que um ano. E aí eu vim, e uma coisa que me ajudou nessa fase minha a me deixar chateado pra caralho foi que assim que eu saí de lá ela arrumou outro. Aí minha casa caiu. E aí rapaz era amor demais e eu aqui fiquei sem saber muito o que fazer. Aí eu pensei, deixa pra lá a vida continua. E aí eu fiquei um bom tempo, ganhava pouco, fiquei quase um ano meu foco era só... Inclusive, com o pouquinho que eu ganhava eu cheguei até a reformar a casa da minha mãe na época. Consegui tirar aquelas telhas velhas e sujas. Quando eu saí da casa da minha mãe se chovia no meu quarto, na casa toda, você tinha que sair espalhando balde, inclusive até em cima da cama por que a pingueira ia tudo em você. E eu consegui cara. Com todo esse sofrimento consegui reformar a casa da minha mãe, construir o telhado, comprei fogão elétrico por que antes era fogão a lenha, comprei umas camas. A cama da minha mãe era cama de piso, entendeu? Fazia o piso de concreto e botava o colchão em cima. Aí depois de um ano eu mandei quebrar tudo e comprei umas camas novas, entendeu? Depois que eu fiz isso eu me senti mais, agora eu posso ir de férias pra Bahia mais tranquilo, né? E aí depois eu fiz namoradas por aqui, sempre na noitada.

[Angel em OFF]: Mas esse desamor te marcou?

[Jackson]: Inclusive essa pessoa que eu namorei com ela, ela tá aqui em São Paulo hoje, ela terminou com esse namorado dela e veio solteira. Aí a gente já se divertiu pra caramba aqui. Aí depois não deu certo e ela acabou casando agora e tem uma filha. Mas aí depois a gente fica calejado dessas coisas. Mas era muito grande, me apaixonei de verdade. Aí eu comecei a sair a noite, aí arranjava namorada a noite e no outro dia nem lembrava mais, comecei a ficar safado. Não é o forte da minha família né, que minha família é muito certinha, mas aí eu comecei a ficar mais, mas não muito assim... E aí foi. Aí comecei a frequentar baladinha. Mas nunca tive nada sério mais.

[Angel em OFF]: Mas quer ter?

[Jackson]: Por enquanto não. Eu tenho uns objetivos agora e se Deus quiser eu vou me estabilizar, fazer minha casinha...

[Angel em OFF]: Mas você está falando lá na Lagoa do Saco ou aqui?

[Jackson]: Eu pretendo comprar uma casinha aqui. Por que lá tá fácil já. E eu acho que hoje em dia tá mais fácil de achar uma companheira. Tá mais fácil de achar uma companheira do que fazer o seu pé de meia como diria a minha mãe. Então eu prefiro fazer meu pé de meia primeiro e quem sabe né? Se um dia eu arrumar uma pessoa pra ficar comigo e arrumar um filho eu quero criar com dignidade. Eu acho que não

adianta você querer fazer um filho sem estar preparado, por que você vai deixar o filho como vocês viram naquelas cenas, sem ter o que comer... Se for pra fazer as pessoas sofrerem é melhor não, né? Eu sempre pensei assim né, hoje em dia você vê as crianças de hoje, o gasto que é ter uma criança... Antigamente você se criava aí de todo jeito, hoje a criança já quer um videogame, já quer um computador, já quer não sei o que, entendeu? E você tem que estar preparado. Mas eu penso. Vamos amadurecer mais, quando amadurecer mais, quem sabe?

[Angel]: Você sendo gerente do supermercado, lida com muita gente pedindo emprego?

[Jackson]: Você vê isso direto. Ainda mais agora nessa época da crise. Sempre aparece. E a gente não pode da emprego pra todo mundo. Inclusive lá no trabalho foram dispensados dois, dispensados não, eles pediram pra sair e não contrataram para repor. E nós temos que nos virar com o que tem, por que o funcionário custa caro pra uma empresa.

[Angel em OFF]: E você se sente seguro?

[Jackson]: olha, a gente como empregado nunca tá seguro. Ainda mais nessa questão dessa crise aí. Se apertar mesmo e tiver que, que Deus me perdoe, fechar as portas, vai todo mundo pro olho da rua e não é bom pra ninguém. Mas eu, num nível de confiança de 0 a 10 eu to com um nível oito, que não é ruim não. Mas eu, digamos, tenho que fazer um pé de meia. Até por que se alguma coisa acontecer você tem que ter os seus recursos. Aí você tem que fazer um futurinho, por que você não vai ficar falando de empregado na vida toda. Por isso que eu invisto muito no Norte, invisto muito lá e aqui também. Por que você não sabe o dia de amanhã. E aí a gente fica onde tá melhor. Se um dia não der mais pra continuar aqui a gente vai pra lá, né. E você não vai chegar lá com uma mão na frente e outra atrás. Inclusive muitos amigos meus aqui e eu nunca saí pra procurar um emprego. E o meu patrão, não sei se ele falou lá pra vocês, mas ele me azucrinou pra me tirar lá do mercadinho, ele fez de tudo pra me tirar de lá até o dia em que ele conseguiu. E ele mesmo fala pra mim que antes de eu trabalhar pra ele, ele não conseguia viajar lá pro nordeste por que não tinha com quem deixar com um responsável de confiança. E hoje ele vai quatro, cinco vezes no ano. Mesmo sem querer perder um funcionário, ele mesmo fala que eu tenho que abrir meu próprio negócio. Várias vezes! Ele fala pra mim, Jackson você tem experiência, você tem que abrir seu próprio negócio. E eu se Deus quiser...

[Angel em OFF]: E existe essa possibilidade?

[Jackson]: A gente tem que estar preparado né. Eu quero muito, mas tem que preparar. Inclusive a Eliana disse que queria vender o dela um dia desses aí e eu falei que eu compro.

[Angel em OFF]: Mas tá fraco o movimento...

[Jackson]: Tá muito fraco. Depois que eu saí dali... Por isso que ela tá, porque ali parou. Quando eu trabalhava ali era cheinho, bonitinho, organizadinho e tudo mais.

[Beto em OFF]: E o curso de administração?

[Jackson]: Comecei a fazer lá em Santo Amaro, comprei um kadete velho que vivia quebrando. A faculdade era assim, o professor passava na frente lá e se vira. Se você fizer, bom, se não o problema é seu. Aí eu guardava no carro os livros, não olhava nada, não fazia nada, começou a acumular tarefa como uma bola de neve e eu não sabendo mais pra onde ir. Cheguei lá e fechei. Cheguei quase no segundo semestre. Andava com os livros no porta-malas do carro, chegava na sexta eu não tirava nem os livros de lá. Não tinha interesse nenhum... Aí eu falei, estou gastando dinheiro a toa, por que não vou passar e não tenho futuro com isso aqui. E outra, não tinha paciência. Eu não fico em casa, então eu não conseguia pegar e ficar uma tarde fazendo as matérias. Se eu estivesse em casa e me ligassem para tomar uma cerveja no bar eu ia. Entendeu? Mas teria sido muito bom se eu tivesse continuado. Mas a verdade é que eu nunca fui de estudar. Quando eu estudava no instituto, sabe o que aconteceu? A gente estudava no instituto e transferiram a gente pro CEBEN que era um colégio novo, uma turma exemplar, fomos inaugurar o colégio. Aí transferiram a gente de volta pro instituto e colocaram os alunos da zona rural e os alunos da sede, que era separados. E no último ano misturaram. Os alunos da sede tem a fama de filho de papai. Até esse ano eu ia muito bem. Aí quando foi esse ano, quando era na hora do recreio pegavam aquela esponja de apagar o quadro e batiam sapato e nós fazíamos um pagode, uma confusão toda. E os alunos filhos de professores que não faziam nada e estudavam, quando chegava no dia da prova eles tiravam 9 e 10 e nós não passávamos. Aí isso foi me enchendo. Chegou ao ponto de furarmos um buraco na parede pra passar cola de uma sala e outra. E eu me matando de estudar e nada. Resumindo, uma zona. Moral da história, eu perdi e tudo mundo que não fazia nada passaram de ano. Aí eu me zanguei e fiquei bravo. Foi oitava séria, primeiro ano do segundo grau... Até aí não tinha perdido nenhum ano. Mas aí me zanguei e joguei os livros pro lado. Eu trabalhei um mês na roça pra comprar o livro de inglês e dividia ele.

Corte

[Jackson]: Na época o meu pai era o cabeça da associação de Lagoa do Saco. E eles conseguiram um caminhão e meu pai foi o motorista por muitos anos, ele viajava muito e minha mãe ficou desconfiada que cada dia era uma história. Não aparecia dois dias em casa... E aí foi...

Corte

[Jackson]: E foi gerando aquela desconfiança e foi desgastando o casamento. Eu me lembro que ele já ficou uma semana fora. E outra, o pessoal da associação começou a ficar sem saber onde ele tinha ido. Se você me arruma um carro e fala, Jackson vai ali na Paulista e volta, eu vou lá e vou voltar, correto? Se eu vou gastar duas horas mas saio de manhã e chego a noite, tem coisa errada né? Onde você andou? Aí a diretoria da associação também começou a ficar meio assim. E depois de se separar ele saiu brigado da associação e não sei se o motivo foi mesmo esse.

[Angel em OFF]: E você estava com quantos anos?

[Jackson]: Rapaz... Uns 15 anos. Marlene devia ter uns 12... Aí eu tive que trabalhar pra como diz minha mãe, tem um monte de boca pra alimentar. E a gente foi se ajudando, os irmãos mais velhos ajudando os mais novos. E aí a gente foi levando a vida. Até que agora todo mundo já tá crescendo e graças a Deus. Mas a gente passou uma dificuldade.

[Angel em OFF]: E ele foi motorista do ônibus escolar?

[Jackson]: Aí assim que ele separou veio a tona essa outra mulher que meu pai tinha. E ele tinha perdido o caminhão. Aí como ele tinha experiência e tudo, ele arrumou o emprego de motorista de ônibus. E começou a trabalhar levando aluno pra escola. E começou no Instituto onde eu estudava. E quando ele me deixava na aula ele estacionava e pedia pra professora, eu sou o pai do Jackson posso ver ele? Aí ele ia lá e a gente conversava e tudo. E aí passou um tempo e essa mulher arrumou outro e ele não tinha onde morar. Aí ele tinha um terreninho perto da casa de minha mãe, que ele foi construir. Aí mesmo depois disso tudo a gente ajudou a construir a casa onde ele morou uns tempos, atrás ali da casa de farinha. Aí depois ele arranhou outra mulher e tá morando com ela até hoje. E nesse período ele me ensinou a rodar de moto. Aí ele trabalhava também de pedreiro e conseguiu depois outro emprego de motorista de ônibus pra outra pessoa. E onde ele mora hoje ele carregava aluno de lá pra Monte Santo. Então ele levava os alunos de ônibus até Monte Santo, pega lá a moto e ia trabalhar pra não voltar com o ônibus sem alunos. Depois voltava de moto e pegava os alunos. E durante o fim de semana ele tinha que voltar com a moto e com tudo, aí ele me chamava. Uma vez ele pediu, Jackson você pode ir lá levar a moto? Eu vou de ônibus e você vai de moto atrás. E eu não estava tão bom de moto. E eu com vergonha, vai que minha mãe sabe que eu fui de moto com meu pai pra almoçar lá. Aí nas primeiras vezes eu ia mas não almoçava. Até que um dia eu fui com ele de ônibus para trazer a moto. Aí eu peguei a moto e levei pra casa de minha. Aí minha mãe não gostou muito não. Aí uma vez eu fui pra uma festa que tem todo ano, a festa de todos os santos. Aí eu estou lá tomando uma cervejinha, por que já bebia, quinze anos mas já bebia. Aí eu estou lá e encontrei com meu pai, e ele falou Jackson, o Robério que era o dono do ônibus, pediu pra eu ir lá na fazenda lá buscar um pessoal pra ir pra festa. E ele falou, aí eu precisava de alguém pra ir comigo de moto e trago o ônibus. Aí eu fui na garupa e fomos. Chegando lá o pessoal já estava esperando. Aí meu pai pegou o ônibus e subi na moto. E eu não sei se vocês viram lá mas tem um pedaço de asfalto ali na entrada de Monte Santo, quando eu cheguei no asfalto eu caí numa queda que me rasguei todo. Rasgou torso, rasgou camisa. Eu estava em 80, 90 quilômetros por hora. E eu pensei pelo amor de Deus, o que eu vou fazer agora na festa todo rasgado? Sabe o que eu fiz? Fui embora. Fui e avisei o meu pai, pai eu caí e vou embora. E ele falou pode pegar a moto e ir embora. Aí eu só de raiva fiquei uma semana com a moto dele. Meu pai precisando da moto e eu nem entreguei. Enfim, aí a partir dessa época sempre gostei do meu pai. Inclusive eu tenho um amigo de infância que a gente se criou junto nos lagos lá. Ele tem um fusca velho...

História do fusca, Angel falou para cortar.

[Jackson]: Consultei, claro. Até por que na época a gente estava se dando muito bem. Seria uma injustiça com ele eu pisar pra cá sem nem... E na época meu pai estava trabalhando numa casa em Monte Santo e eu fui até lá por que sabia que ele estaria

lá. Eu com a passagem comprada. Eu já tinha conversado com ele sobre o que ele pensava e ele ficava só falando que não era de acordo. A Marli já estava aqui na época. Na verdade o desejo do meu pai e da minha mãe era de que ninguém viesse para cá. E meu pai me falou uma frase na hora, olha meu filho você sabe que eu não sou de acordo, mas se eu pudesse te dar o que você precisa eu não te deixaria ir não, mas como eu não posso te dar então não posso fazer nada. E aí no dia que eu fui mesmo ele foi na rodoviária, chorou... Até hoje ele gosta muito de mim. E ele tá certo, na época o pessoal passava muita dificuldade e muitos vieram por isso, por que os pai não conseguiam sustentar os filhos.

Na época o pessoal chamava de barriga verde quem chegava aqui. Hoje é pouco os que você ouve falar, mas ainda existe. Mas na época o pessoal chegava e falava, ó chegou mais um barriga verde aí. Não sei o que significa, mas era pra quem chegou do nordeste agora, sabe? Foi difícil. Hoje eu acho que existe mas um pouco menos. Eu não sofri muito esse preconceito. Eu fui logo trabalhar num restaurante na época e tinham muitos com o mesmo caso que o meu. Mas é um pouco desagradável, você ouve piadinhas. E você vê que essa capital anda graças aos nordestinos que aqui estão. Eles vem pra cá e dão o sangue, eles não medem esforços.

[Jackson]: A maioria, acho que 90% cara. E os que não são nordestinos são filhos de nordestinos. O caso da minha sobrinha, ela é paulista mas é filha de nordestinos.

[Angel em OFF]: Para um paulista ela será sempre uma nordestina?

[Jackson]: É será sempre uma nordestina. Hoje em dia quem vem do norte tem menos discriminação. É como diz um amigo meu, os paulistas estão tudo no exterior, muitos aqui vão pra fora e os do nordeste vem pra cá. Coisa de maluco. Mas eu acho que isso devia ser até crime, ou é sei lá. Por exemplo, o nordeste hoje não está como antes. O nordeste evoluiu. Hoje tem muitas pessoas que estão voltando para o nordeste por que lá está melhor do que aqui. Por exemplo Lagoa do Saco, se você for comparar 15 anos atrás como era e como é hoje, mudou muito, tá muito evoluído. Então não tá vindo tanto nordestino pra cá com o mesmo objetivo que eu vim e que outros vieram, de estar passando dificuldade. Eu até brinquei com meu irmão, eles tiram férias lá e vem passear aqui. Onde que na minha época eu podia vir pra cá pra passear? Entendeu? Tá mudando. Toda vez que eu vou lá o Ivan fala, é Jackson quando eu tiver um tempinho eu vou lá. E uma pessoa dessas que vem pra cá, jamais vão falar que é um barriga verde. E antigamente você ia para o nordeste e levava presente, qualquer coisinha era a maior festa. Hoje em dia, se você não cair na real, você passa vergonha, por que quem tá lá tá com um tênis melhor que o seu, tá com roupa de marca... Então tem pessoas que eu conheço que eu sei que se chegarem lá achando que tá como quando ele saiu, ele vai passar vergonha lá. Mudou tudo. E se você for levar um presente, vê o que você leva por que depois chega lá e eles nem vão querer. Mas não é verdade? É verdade.

[Angel]: Esse quadro você acha que vai se manter?

[Jackson]: Olha, eu acho que vai continuar assim: Aqui sempre vai piorar e lá sempre vai melhorar. Acho que nordeste no geral a tendência é melhorar sempre mais. Eu já pego a minha família ali como uma referencia, por exemplo. A gente conversou sobre

aquela seca de 1979 que terminou em 1984, aquela coisa. Em 2013, teve dois anos de seca que lá foram cinco anos de seca. Hoje em dia tem muitos projetos focados no nordeste sobre combate a seca, tem muitos poços artesianos, os programas da cisternas... Todas essas coisas aí ajudam muito. Por exemplo, nem todas as famílias, hoje se ficar três anos sem chover as pessoas não sofrem tanto quanto sofreram antes. Por exemplo, na casa da minha mãe não tem seca. A seca lá existe mas hoje tem um poço artesiano que abastece a casa, água encanada que vem lá do mato... Então essas coisas, você chegou a assistir o racionamento de água aqui? Pelo amor de Deus, isso é até um aviso já. Eu até liguei pra minha mãe, vou mandar trazer um caminhão d'água aí pra mim por que aqui não tem não e ela riu. Tá mudando as coisas. Quem diria, eu ligar pra minha mãe na época desse racionamento de água que eu ligasse para lá e falasse que aqui não tem água? E outra, desculpa te dizer, eu quero estar mentindo mas acho que não, isso ainda vai se repetir. Se pegar quatro meses sem chuva você já vai ver na televisão e tudo. Imagina uma cidade dessa todo mundo gastando água, rapidinho pra começar de novo.

[Jackson]: Isso aqui ó, dizem que vai ser o Metro. Nosso amigo aí, sabe o que ele fez no primeiro dia de mandato? Veio aqui vestido de gari varrer aqui. Tirou os mendigos daqui, jogou aqui dentro e escondeu. O que quer dizer isso? Isso é coisa que se faça? Aqui era cheio, colocou lá em baixo. Ali debaixo do viaduto, uma vez eu passando ali e tinha um morador de rua numa noite fria mesmo, gelada. Eu vinha passando a noite e aí ele estava descoberto no frio todo encolhido que dava para colocar numa sacola. Aí eu ia passando e vi aquela cena, na madrugada o que essa pessoa não vai sofrer no frio? Aí eu fui em casa e minha irmã tinha me dado uma coberta quente que no frio você chegava a suar. Aí peguei a coberta e um saco preto, minha irmã me perguntou, Jackson o que você tá fazendo? Falei que ia dar a coberta. Por que eu tenho teto, eu tenho casa pra morar, vou dar essa coberta pra outra pessoa. Aí eu desci, cheguei de baixo do viaduto e eu dei a coberta pra ele. E eu não falei pra minha irmã quem era a pessoa. Quando foi mais ou menos três dias depois a minha irmã passou e viu, Jackson você deu a coberta para aquele mendigo lá? Aí eu, sim. E toda vez que eu passava lá eu via ele com a coberta, dava aquele... E ele tem um cachorro que era muito amigo dele. Era ele e o cachorro, onde ele ia o cachorro ia também. No dia em que ele morreu, ele morreu nesse local, chegou o pessoal lá e colocou ele no rabeção e o cachorro foi atrás do carro. Isso comoveu todo mundo. Aí uma senhora lá do prédio lutou até conseguir ficar com o cachorro. Mas ele ficou magrinho... Mas um dia até eu brinquei com ele quando ele estava de carroça, olha você tá na contramão, ele rachou o bico.

Encontra amigo

Tentativas de filmagens dos moradores de rua

ENTREVISTA MARLEIDE

[Marleide]: Sou Marleide de Andrade Brito, moro aqui em São Paulo desde 2007 mais ou menos. Há dez anos aproximadamente. E eu vim pra cá em busca de trabalho por que na época eu não tinha as condições de comprar o que eu queria. Não tinha dinheiro e não tinha trabalho. E eu estava chegando aos 20 anos e já estava me preocupando, preciso ter minhas coisas. E eu não tinha perspectiva de trabalho. Eu estudei na escola familiar agrícola e eles incentivam a não sair de lá. Mas na época eu estava cursando a oitava série e surgiu uma proposta de ir para Salvador. Foi aí que eu fui pra Salvador e depois eu fui pra São Paulo e estou aqui até hoje.

[Angel em OFF]: O que aconteceu em Salvador para você chegar até São Paulo?

[Marleide]: É que em Salvador não estava sendo bom ainda e lá eu tinha poucos parentes, aqui em São Paulo eu tinha meu irmão, tinha minha tia e eu achei que iria ser uma oportunidade melhor. Achei mais confortável vir pra São Paulo.

[Angel em OFF]: Fazia o que em Salvador?

[Marleide]: Cuidava de idosos. E dormia na casa. Isso que me incentivou também a vir pra cá. Por que é ruim isso, tira um pouco a liberdade da gente. Ali foi um começo, foi a primeira oportunidade que eu tive.

[Angel em OFF]: E qual foi a reação da sua mãe?

[Marleide]: Quando eu decidi sair da minha cidade eu comuniquei a minha mãe mas ela não gostou da ideia. Nem ela nem ninguém, todo mundo foi contra. Mas eu já tinha tomado a minha decisão. Aí como eu já estava certa de fazer aquilo eu tentei convencer ela e meus irmãos. Aí minha mãe falou, ah já que você tomou a decisão e você quer ir, então só restou abençoar.

[Angel em OFF]: Na época sua mãe e seu pai estavam juntos?

[Marleide]: Não.

[Angel em OFF]: Você ainda fala com ele?

[Marleide]: Sim.

[Angel em OFF]: Você chegou sozinha em São Paulo?

[Marleide]: Foi. Aí como eu já tinha apoio aqui eu vim e fiquei com meu tio e depois fui ficar com meu irmão. Depois casei e vim morar aqui.

[Angel em OFF]: Mas casou muito rápido, ein.

[Marleide]: Não, não foi. Parece que sim mas não foi muito rápido. Por que assim, eu cheguei e fiquei dois anos com minha tia e quatro anos com meu irmão mas já

namorando. E eu já pensava em mudar por que lá era pequeno para quatro pessoas. Aí eu resolvi morar aqui, que é o mesmo espaço mas lá era mais gente.

[Angel em OFF]: Você começou com que trabalho aqui em São Paulo.

[Marleide]: Eu comecei cuidando de idosos também. Por que era uma coisa que eu gostava. Aí depois eu trabalhei na área de restaurante e estou até hoje. Eu trabalho em café da manhã num restaurante de hotel. Eu entro às cinco e meia e saio meio dia e meia. Aí eu pensei em mudar de serviço antes de ter minha filha, mas o horário ficou bom. Por que uma dificuldade de ter filho é o horário e meu marido trabalha o oposto. Então eu pensei, se eu mudar de serviço vai piorar. Então enquanto ela está nessa fase e vou continuar nessa área.

[Angel em OFF]: Como é a vida de uma adolescente de Lagoa do Saco?

[Marleide]: Era complicado. Por que eu era de uma família conservadora e não tinha muito o que fazer lá. Aí depois, quando eu fui pra escola melhorou um pouco por que tinha mais atividades, já tinha contato com mais gente da minha idade. Minha experiência de adolescente foi mais na escola. A gente estudava e trabalhava durante 15 dias e depois voltava para a comunidade para desenvolver o que a gente aprendeu durante esses dias. E ficava assim. E eu posso dizer que foi a minha melhor fase quando eu estava na escola. Foi a parte mais produtiva tanto na parte intelectual, de aprendizagem, de formação humana, social e tudo. Foi a fase mais completa. Eu não queria ter saído de lá, se eu pudesse eu não teria saído por que eu gostava muito de lá.

[Angel em OFF]: E por que você quis sair?

[Marleide]: Eu não quis sair. Eu só saí por que eu precisava de dinheiro. Eles ensinavam que a gente não deveria sair, que nós deveríamos buscar recursos para nos mantermos no lugar onde a gente nasceu. A gente fazer com que o lugar se desenvolvesse e a partir daí a gente conseguisse gerar renda. Mas esse era um processo a longo-prazo e eu estava inquieta, querendo resultado logo. Eu não tive paciência para esperar. E tudo aconteceu muito rápido. Eu estava crendo que eu conseguia terminar a escola, mas teve essa oportunidade. Eu estava na oitava série, e quando eu estava os quinze dias na comunidade a minha prima falou desse serviço e que era uma oportunidade boa, aí pronto. Eu ia retornar o ano seguinte, por que naquela época eu só estava pensando em conseguir uma oportunidade. E minha prima falou desse serviço e que era em Salvador e ela queria a resposta rápida. Aí eu tive uma semana para resolver. E essa semana foi uma reviravolta na minha vida, mexeu muito comigo. E a minha escola, como é que vai ser? Eu nunca imaginei de sair, eu não estava com aquele objetivo de sair, eu só queria dinheiro, só isso. Aí depois eu conversei com a minha família, decidi ir e foi o que aconteceu, estou aqui. Mas eu não queria sair da escola, a única coisa que me motivou foi a falta de dinheiro.

[Angel em OFF]: E o que São Paulo tinha de positivo?

[Marleide]: Pra ser sincera, São Paulo não foi uma boa experiência. Só que quando eu fui ver eu já estava... Nos primeiros anos eu queria voltar, pensava muito na minha escola, pensava muito na minha família, eu queria voltar. E meu sonho era conseguir

dinheiro e voltar. Até hoje eu penso. Se meu marido não tivesse aparecido... Por que quando é solteira é mais fácil, mas quando você constrói família fica mais difícil para voltar. Aí cada um quer ir pra sua cidade e complica. Mas eu vou conversando com ele. Ele não quer, mas eu não perco as esperanças de ir. Não sei como que vai ser o futuro.

[Angel em OFF]: A moça da terra continua então?

[Marleide]: Ficou. No começo era mais, eu ainda achava que tinha como retornar a escola e retornar aos estudos. Mas foi passando o tempo e isso eu já tirei da minha cabeça. Eu cheguei a concluir aqui, por que eu pensava em voltar mas foi acontecendo uma coisa, depois aconteceu outra e eu fui ficando. Nisso já são dez anos.

[Angel em OFF]: Qual era sua expectativa com o estudo na escola agrícola?

[Marleide]: Minha expectativa era de tudo um pouco, melhorar as nossas condições. Por que a gente morava na zona rural então a expectativa era cuidar de animais e de horta. E como a escola ensinou pra gente, produzir para a partir daí gerar um pouco de dinheiro. E minha expectativa era essa, estudar e por tudo o que eu aprendi em prática nas propriedades da minha família. E começar também na comunidade. Eu ainda penso que com o meu conhecimento da escola agrícola ainda é possível voltar e começar, por que aqui não é possível produzir nada. Em 2013, eu acho, eu fui pra lá e fiquei seis meses antes de me casar pra me decidir se eu queria casar e ficar aqui mesmo. E nesses meses eu produzi ajudando minha mãe, meus irmãos. E eu estava sem querer voltar, mas meu namorado ficava pedindo pra eu vir... Se não fosse ele eu ficava e não voltava mais.

[Angel em OFF]: Se não fosse ele também não tinha Aline.

[Marleide]: É verdade. A coisa boa que teve em São Paulo foi essa. As pessoas de lá (casa) falam pra mim que em São Paulo a única coisa boa são as oportunidades, por que a qualidade de vida é horrível aqui. Essa cidade é muito louca, por que a gente tá aqui?

Corte.

[Beto em OFF]: Você ainda tem contato com seus colegas de escola?

[Marleide]: Eu tenho o contato de muitos, alguns estão aqui e outros ficaram e conseguiram ser técnicos agrícolas. A maioria deles na verdade conseguiu ficar e fazer o que a escola ensinou, se formaram e ficaram lá. Mas tem aqueles que vieram uns progrediram mais do que eu e outros voltaram. Tem o caso de uma que estudou na minha época que veio e voltou e nunca mais quer voltar.

[Angel em OFF]: Quando você chegou sua irmã Marli ainda estava aqui? Ela te falou da experiência dela?

[Marleide]: Não, ela já tinha voltado pra lá. Meu outro irmão Evanildo que me falou da experiência dele. Até por que minha irmã não morava na casa da minha mãe e não se envolvia muito não. Mas nesse dia que eu tomei a decisão meu irmão me falava,

não vá. Até o fim. Eu fui pra Monte Santo e ele foi lá, eu ia viajar na madrugada e naquela noite ele falou que não me apoiava por que lá fora eu ia sofrer muito, mas como eu estava decidida era boa sorte.

[Angel em OFF]: A gente filmou Edvaldo contando a sua mãe da experiência que ele teve em São Paulo e da culpa que ele ficou de não ter terminado a escola agrícola.

[Marleide]: No início, quando a escola começou ele foi um dos fundadores. Claro que ele se arrepende, a escola é tudo de bom, é tudo de bom aquela escola. Eu também me arrependo. Apesar de ter sido no último ano eu ainda tinha muita coisa para fazer, aquele ano que começariam os trabalhos práticos. Por que os alunos voltaram para a escola como técnicos, outros como professores, outros como ajudantes e outros foram desenvolver atividades fora como o meu irmão Daniel, o caçula. O meu irmão Edcarlos foi ser professor, o Ivan foi fazer também atividades que não são da escola mas ele continua ligado a escola.

[Angel em OFF]: Mas é muito jovem, quem sabe você não volta no futuro?

[Marleide]: Esse é o meu sonho. Eu sempre falo com meu marido, brincando, que ele é o culpado por que se não fosse ele eu não estaria aqui. Ele é acomodado, ele falou que gosta daqui mas eu não sei se ele está só acomodado. Ele falou que quer ficar e não quer voltar pro Ceará, eu levei ele lá pra Bahia e ele também falou que não gostou muito. Aí o que eu faço? Eu vou é mudar de marido. Por que eu não conheci alguém da Bahia, era tão mais fácil. Tem vezes que eu fico pensando, eu ainda não estou resolvida. Por que São Paulo não é bom pra mim, eu não gosto de São Paulo, eu quero voltar. Mas por outro lado tem meu marido e Aline, e agora? Aí fica uma coisa indefinida. Por que eu não tomei essa decisão antes e agora eu ainda penso, então como é que vai ser? Aí eu estou esperando o que o futuro aguarda pra mim.

[Angel em OFF]: Agora, você disse que saiu de lá pelo dinheiro mas ao mesmo tempo, em outro momento você não conseguiu voltar por conta do dinheiro...

[Marleide]: Maldito dinheiro. Eu me arrependo muito das minhas escolhas. A única coisa boa nessa história toda foi a minha filha. Dinheiro mesmo assim eu não consegui. Eu até conseguiria voltar agora se não fosse o meu marido e nessa parte eu estaria realizada, de voltar lá e continuar de onde eu parei. Por que lá sem dinheiro também você não consegue fazer nada.

[Angel em OFF]: Como está sua relação com sua família?

[Marleide]: A minha relação é boa. Muita saudade. Mas a gente tá sempre se falando, minha mãe me liga, ou whatsapp, facebook... Como lá não tem sinal eu fico sempre esperando e pensando se tá tudo bem. Aí quando alguém me liga, por que eles que tem que ligar para cá, aí é tanto assunto que não tem fim. É muita coisa pra perguntar e contar ao mesmo tempo. Aí se ficarem sem me ligar eu fico perguntando pelo whatsapp, tá tudo bem? Redes sociais eu uso só pra isso praticamente. Como estão os meus irmãos, as minhas sobrinhas que concluíram agora, o Ivan, o Daniel... O Edcarlos não por que ele fica fora dessas coisas. Mas eles sempre vão postando e eu fico feliz. Tá tudo bem? Sim, tá tudo bem. Isso é o que importa.

[Beto em OFF]: E o Jackson aqui?

[Marleide]: Quando eu morava com a minha tia em pensava em morar com meu irmão, você se sente mais acolhida. Aí foi uma fase boa, me senti protegida, foi mais confortável. A gente se ajudava. Aí eu casei, a gente mora no mesmo prédio e não se vê muito. É difícil da gente se ver por causa dos horários. Quando eu me casei eu ainda ia muito na casa dele no final de tarde por que eu não tinha muito o que fazer, mas agora com ela... Por que ela ocupa muito do meu tempo e o cansaço vai aumentando... De vez em quando eu penso em passar lá, mas como ele chega do trabalho depois das nove e eu tenho que acordar de manhãzinha eu acabo sempre desistindo. Mas eu fico sempre querendo saber se tá tudo bem com ele. E aí se tá bem, tudo bem, depois eu vou lá. E é engraçado por que a gente no mesmo prédio é muito difícil da gente se vê mas a nossa relação é boa. Tudo que eu faço ele tá aqui, o que ele faz ele chama. E os eventos especiais, Natal e ano novo a gente passou junto. Nossa sorte também é que a gente trabalha perto, por que se a gente trabalhasse longe a gente ia se ver menos ainda, eu trabalho perto e ele trabalha aqui no mercado. Aí eu vou comprar alguma coisa e ele pergunta, a Aline tudo bem? Mas é só isso por que ele está em ambiente de trabalho e a gente não pode conversar muito. Aí é assim...

[Beto em OFF]: Da São Paulo que você chegou e hoje, como é que tá?

[Marleide]: Piorou. Tá piorando. Por que quando eu vim para cá a oportunidade de serviço era melhor. E eu era solteira também... Mas agora a situação tá se complicando cada vez mais com essa crise agora para ajudar a piorar. São Paulo por si eu não sei, mas a minha vida em São Paulo sim. Casamento, serviço, tudo isso ajudou a ficar mais difícil a situação em São Paulo. Antigamente era mais tranquilo.

[Angel em OFF]: E seu pai?

[Marleide]: Nossa relação é tranquila. Quando eu era criança e meu pai saiu de casa eu tinha uns dez anos. E eu era mais apegada ao meu pai. Mas depois que ele saiu de casa eu sempre ia visitar ele. Mas ele também ficou mais quieto no canto dele então a gente só se vê se procurar ele. Bateu até saudade. Ele esteve doente e a gente se aproximou mais. Por que eu ligava mas ele não podia falar. Aí todo dia a mulher dele me ligava e me dava notícia. Mas aí ele melhorou e a gente relaxou. Agora só ligo de vez em quando e pergunto se tá tudo bem para ficar mais relaxada.

[Angel em OFF]: Então ainda mantém uma proximidade com todos?

[Marleide]: É, eu acho que a minha mãe só não é mais feliz por que não tem todos nós próximos, por que o sonho dela era ter todos nós ali próximos. Nós saímos pelo mundo... Mas mesmo assim acho que ela é bem feliz com meu irmão, minha irmã e todo mundo ali que moram mais próximos. Os que não casaram ainda viajam e voltam pra lá. Não é a toa que ela ainda consegue reunir em alguns eventos, por que a maioria está ali próximo. Mas o sonho dela sempre foi ter todo mundo ali reunido. Eu tenho orgulho da minha família. Por que as famílias que a gente vê hoje em dia tem problemas de drogas, violências, desrespeito, essa coisa toda. A desunião. E minha família tem problemas, sempre tem problema, mas no final todo mundo bem. Todo

mundo fala que a gente é bem unido e realmente a gente é. Eu acho que é por isso que eu nunca tirei essa vontade de voltar para lá, conseguir ficar perto deles.

[Angel em OFF]: Jackson e você continuam com a inquietação da sua mãe dos evangelhos e da filosofia de luta?

[Marleide]: A gente não se desligou. Lá onde eu morava tinha mais encontros de jovens, as missas, a gente estava ali mais presente na igreja. E aqui eu me sinto um pouco chateada por que eu acabo me desligando disso. E é uma coisa de São Paulo, por que com o serviço o dia acaba e você não consegue ir. Mas mesmo assim eu não fico fora, mas é difícil. Por isso que as pessoas que vem para cá eu não vejo buscando essas coisas da igreja. As pessoas mais próximas de mim se desligaram da igreja, mas não é culpa deles, é a situação. Então a gente tem que ser forte e persistente, falar eu vou. Tem que largar tudo e ir por que se não a gente não vai. Se pensar, hoje eu estou cansada e não ir, não vai nunca. Eu deveria ir mais, eu fico muito chateada comigo. Eu fico pensando, nossa que vida é essa, com muitos acontece isso. Aí eu agora com minha filha o serviço aumenta, enfim. Problema é o que não falta mas eu tento buscar sempre, por que é tão triste você passar o dia, semana, mês e não ter isso na vida. A minha mãe briga comigo dizendo que eu sou muito desligada, mas eu digo, mãe não se preocupa, por que a vida de São Paulo é assim e uma hora a gente vai. E ela quando vem fica, vamos na igreja, vamos comigo. Ela ficou preocupada por que achou que eu nunca mais tinha ido. Mas na época que ela veio eu tinha acabado de ganhar essa menina, aí ela ficou com essa impressão. Mas não tem problema não, o que importa está no meu coração. E meu marido também gosta de ir para a igreja, ele é mais católico que eu.

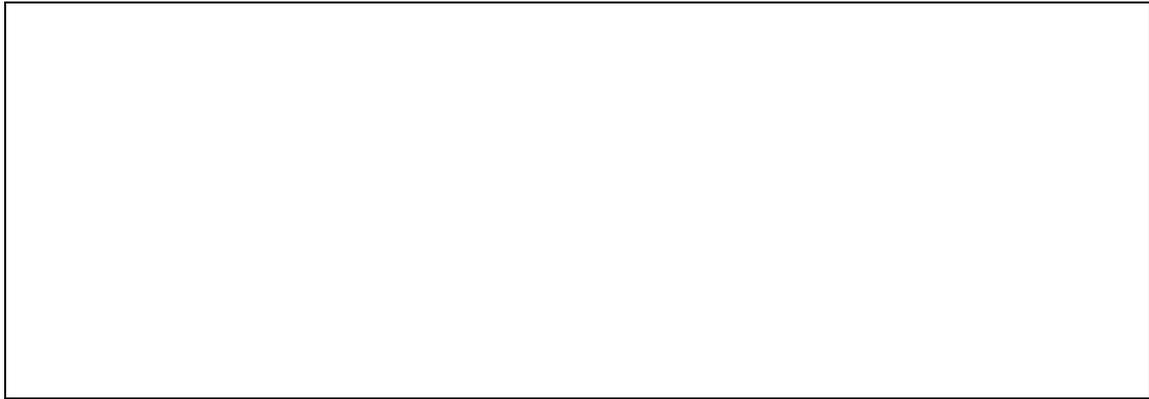
[Angel em OFF]: Quando ela veio ela ficou aqui?

[Marleide]: Aqui e no meu irmão. Ela ficava aqui ajudando a cuidar dela e no meu irmão.

[Beto em OFF]: Tô achando que seu problema é o Ceará...

[Marleide]: Também acho. Eu tenho muitos motivos pra terminar então eu fico falando pra ele, se você pisar na bola... Quando eu voltei da Bahia eu falei com ele, a gente devia morar na Bahia e ele respondeu, mas eu vou fazer o que lá? E assim lá melhorou bastante, desde que eu saí melhorou muito a questão de emprego, tem muitas maneiras lá de ganhar dinheiro. Aí eu perguntei pra minha mãe, se caso ele resolva ir para aí ele vai fazer o que? Quando ele fez essa pergunta eu senti que talvez a gente vá. Por que desde novo ele trabalha e ele não se dá muito bem com trabalhar com a terra, produzir. Por que ele j'á começou desde novo na área de restaurante. A única coisa que ele fez novo foi a pescaria, ele não teve contato com a terra. E o forte lá é criar, é trabalhar com a terra. E eu tento colocar essas coisas na cabeça dele. E ele estava meio triste esses dias, falou que não dava mais pra ele não, aí eu pensei, é minha chance agora, vou entrar aí.

Cenas com a Aline.



DATA:

25.04.17

ENTREVISTA MARLEIDE 2

SÃO PAULO

(Geraldo) Fala com a entrevistada e mostra um vídeo para ela.

(Marleide) Olha a vovó, neném (falando com a filha no sofá sobre o vídeo).

(entrevista assiste ao vídeo)

(Marleide se emociona vendo trechos do vídeo)

(voltam a assistir ao vídeo)

(fim do vídeo)

(Geraldo) Vamos conversar um pouquinho? O que você achou, te mostrei um pouco da escola, um pouco da conversa na família. Que você pensa?

(Marleide) Tá passando um filme aqui na minha cabeça, primeiro a escola que foi um lugar que eu estudei. (você fez escola?) Fiz a escola, ficou faltando o último ano, aí eu tive a oportunidade de sair de lá pra ir pra Salvador e acabei saindo da escola pra seguir outro caminho. Que nessa viagem de ir pra Salvador, fiquei um ano e 3 meses, aí de lá eu vim pra cá e estou até hoje aqui em SP.

(Marleide) Uma decisão que até hoje eu fico uma interrogação, não consigo saber se foi uma decisão certa, porque até hoje eu não consigo desligar de lá e não consigo viver 100% aqui e nem consigo esquecer de lá, aí eu fico. Não me arrependi assim, 100% porque essa minha vida aqui em SP eu consegui muitas coisas, conhecimento, consegui uma nova experiência de vida, mas nunca comparado com a minha vida lá na Bahia. E eu achei até que nos primeiros anos, eu conseguiria viver a minha vida. Ah, não, agora minha vida é outra em SP, mas isso nunca me aconteceu.

(Marleide) As pessoas que já estavam aqui em SP na época falavam, não você esquece, isso é só nos primeiros anos, imagina, até hoje. Aí o meu objetivo mesmo era vir pra cá e voltar, igual meu irmão fez, minha irmã fez também. Veio pra cá, conseguiu um dinheiro, uma graninha pra conseguir alguma coisa, construir uma casa, conseguir fazer alguma coisa lá, até ajudar minha mãe, era esse meu objetivo. Mas aí a vida foi tomando outro rumo e quando fui ver acabei conhecendo o meu marido e a

história começou a mudar, até então, quando não tinha conhecido ele, eu tinha certeza que depois de um certo tempo eu ia voltar. Eu pensava até em concluir...

(Marleide) Assim que cheguei em SP não fui estudar porque meu plano era voltar pra Bahia e terminar o último ano. Fechar o ensino pra não fazer na escola, pretendia. Aí, quando eu tava lá, já tinha a ideia de faculdade, falei então a faculdade vou fazer lá. Mas era um sonho assim distante.

(Geraldo) O que você pensava na faculdade, faculdade de quê?

(Marleide) Então, como eu tava estudando na escola Família Agrícola, eu pensava em estudar alguma coisa relacionada à terra. Ser agrônoma. Como a escola é técnica, na época eu não sabia nem quais os cursos que ia ter, mas eu sei que a faculdade ia ser relacionado à terra, era isso que eu ia fazer. Mas era um sonho muito distante, não vai acontecer agora. Mas aí, o tempo foi passando, aí acabei concluindo aqui porque eu já tava parada fazia algum tempo, sem estudar e acabei concluindo o último ano aqui. Eu até comecei fazer faculdade aqui em SP, mas eu não terminei nem o primeiro ano. (Por que?) Porque eu ainda tava muito confusa, eu queria trabalhar numa faculdade que servisse tanto pra cá, pra eu não perder o tempo. (mas que faculdade) Eu fiz administração porque na época, um ano antes de eu começar a fazer a faculdade, eu fui pra Bahia, aí eu fui pra escola família agrícola e encontrei com o diretor, Nelson Mandela. Aí ele falou, e aí você tá em SP, você continuou os estudos? Aí eu falei pra ele, tava pensando em fazer administração. Ele falou é, você consegue tanto emprego lá como aqui.

(Marleide) Aí eu comecei fazer, é uma coisa que eu gosto, mas também entrou a questão financeira porque a faculdade era paga, aí também pesou. Aí eu pensei, se eu for fazer essa faculdade, é muito cara e se não for exatamente isso. Mas aí eu dei uma pausa pra pensar direito, fechei a faculdade. Mas na época que eu fechei, veio a minha filha, agora to pretendendo quando ela tiver mais grandinha eu pretendo ver se eu vou continuar fazendo essa ou o que que eu vou fazer.

(Marleide) Mas assim é muito triste, sinceramente, depois de tanto tempo ainda ficar nessa porque se não fosse o meu marido, como até comentei antes, eu já taria na Bahia, já teria voltado. Eu tenho colocar essa ideia na cabeça dele, mas até hoje não consegui fazer ele conseguir pensar. Porque ele mora numa região de praia, ele foi conhecer a Bahia, a gente ficou 10 dias e ele achou muito diferente da realidade do povo. Porque ele mora no interior diferente do meu e ele acha que não consegue sobreviver lá. Mas eu acho que 10 dias foi muito pouco, não sei se mais na frente eu consigo convencer ele. Mas até hoje eu não sei qual o futuro, se é Ceará, se é Bahia. Ainda tem outra questão, ele gosta de SP. eu não gosto de SP e ele gosta.

(Geraldo) Você diz eu não gosto de SP, você quer voltar pro sertão. Porque?

(Marleide) Primeiro a minha família está toda lá. Aqui eu me sinto muito um peixe fora d'água, mesmo que eu tenha já construído a minha família, mas eu vejo todos os meus irmãos seguindo uma vida lá, quando eu recebo notícia, o pessoal falando, aí a gente vai fazer uma reunião, a gente vai fazer isso e eu fico de fora e isso desde o primeiro dia que eu pisei aqui em SP até hoje eu fico com essa carência. Então eu acho que, eu não sei explicar, eu já até conversei com alguém pra ver se me ajuda, porque é um caso, como pode a gente não conseguir nem viver num lugar nem viver em outro? o que a gente faz numa situação dessa? porque isso não é saudável. é uma saudade de voltar, saudade de estar lá, saudade de viver lá. Que não passa, passa o tempo e nada que tem aqui em SP consegue substituir. Porque aqui em SP a única coisa que

me proporcionou foi um pouco do conhecimento e dinheiro, só isso. Porque a vida aqui, muito jovem se adaptaram bem a essa vida de balada.

(Marleide) Porque assim, pra gente nessa fase de juventude, trabalhar, curtir, é essa vida. Só que eu trabalho, mas curti, mas curti preferia curtir com a minha família. Agora que eu to casada, eu curto com meu marido, com ela, alguns amigos, mas viver mesmo, eu acho que só com a minha família. Aqui a gente não vive, não tem a vida que meus irmãos tem aquela, sei lá uma vida saudável, de curtir, de aproveitar a vida.

(Geraldo) Eu tenho mais uma coisa pra lhe mostrar aqui, mais uns minutinhos pra você ver e a gente conversa um pouquinho mais.

(equipe coloca outro vídeo pra ela assistir)

(Geraldo) E aí? E lá e cá, né?

(Marleide) Mas só Deus sabe qual vai ser o meu futuro. Eu tenho esperança de convencer o Tião porque eu falei pra ele e ele falou, ah mas a gente vai viver lá de quê, então eu já acho que ele já me deu uma brecha, pra ele falar assim. Acho que ele não sabe trabalhar com a terra como a gente porque a gente já teve a formação, meus irmãos, eu, a gente tem a formação de como lidar com a terra, mas aprende. Não sei.

(Marleide) Eu não sei nem como é que vai ser meu futuro, daqui uns 5 anos, às vezes até brinco, com um pouco de verdade, eu falo pra ele: o que você acha de eu ir pra Bahia, levar a Aline, criar a Aline lá e você ficar aqui e depois eu vejo lá o que que tem pra gente e depois você ir. E ele fica quieto. Porque SP não é o lugar pra mim.

(Marleide) Depois dessa mudança que teve na Bahia eu não tenho razão de querer ficar aqui por serviço, aqui tem oportunidade porque lá também tá tendo oportunidade, hoje a minha única razão é minha família, essa que eu construí agora. Então se ele chegar pra mim e falar eu não quero mais ficar em SP, vamos decidir se a gente vai pro Ceará ou vai pra Bahia. E pronto, aí já tá decidido. Porque quando eu sair, como eu sou uma das primeiras turmas da escola Família Agrícola então quando começou a gente ainda tava bem descrente como ia ser as oportunidades porque a escola ensina a gente permanecer no lugar que a gente vive.

Conseguir gerar renda pra gente sobreviver, aprender a cuidar da terra, cultivar, comercializar, mas aí ainda era uma coisinha muito fraca. E no meu caso, eu precisava de dinheiro porque eu já tava chegando nos meus 20 anos e não tinha perspectiva, era só um sonho nosso, um sonho da escola. O governo também não ajudava a gente não sabia, não imaginava que ia ter Lula, que ia ter Dilma no poder pra ajudar, pra facilitar a vida da gente lá. E também, depois que eu vim pra cá começou tudo tão mais depressa, porque já tem acho que 17 anos que eu to aqui e nesses 17 anos mudou tanta coisa, evolui tanto, que eu não imaginava, a gente não imagina, né? E se eu soubesse que era assim, que a coisa ia melhorar tanto eu não tinha vindo pra cá.

(Marleide) É que a gente ficava com medo, eu pensava assim, mas a gente tá começando agora, só no conhecimento, mas até virar prática, até conseguir os projetos. Quando a gente...os primeiros a concluir não tinha serviço, não tinha nada. A única coisa que a gente fazia era tentar praticar o que a gente aprendia na escola. Só que a gente praticava, mas não tinha resultado ainda, que era uma sementinha. Ainda tava brotando e eu tava estudando e no final daquele ano, o próximo eu ia concluir o ensino médio. Então naquele ano anterior, a gente finalizou, teve o encerramento e veio uma pessoa a falar se eu não queria ir pra Salvador trabalhar.

(Marleide) Pronto, naquele momento eu não pensava em sair de lá. Eu tinha vindo pra SP em 2000 e eu não gostei. Eu vim pra cá, passei 3 meses, que morava o Vanildo e

a Marli, aqui. Eu detestei, aí voltei pra Monte Santo e voltei pra escola. Eu tava até já perdendo, o ano já tinha começado, tava começando...eu falei se eu demorar mais eu vou perder, aí cheguei a tempo. Voltei a estudar, aí eu continuei, mas parece coisa do destino, eu acredito um pouco nisso. Porque no último ano, essa pessoa veio pra mim, eu tava precisando de dinheiro e minha família não tinha, ninguém podia me ajudar e eu já tava ficando quase de maior. e eu precisava das minhas coisas, eu tinha necessidade e não tinha dinheiro de jeito nenhum.

Meu pai não tinha pra me dar, minha mãe também não tinha. Aí eu pensei, talvez seja minha chance de eu conseguir um dinheiro e voltar pra cá, esse era o meu pensamento. Mas aí eu ia pra Salvador, mais perto, arrumo um dinheirinho e volto pra cá. Aí eu fui começando a trabalhar e minha patroa começou a colocar umas ideias, mas você voltar pra lá, você já saiu e eu ficava pensando, é verdade.

(Geraldo) Voltar pra lá você diz voltar pra cá pra SP?

(Marleide) Tentar um vida melhor. Aí na época já não tinha mais a Marli nem o Vanildo, eles já tinham voltado e isso já foi bem mais pra cá. Só tinha o Jackson, aí eu pensei, eu vou, fiz até uma surpresa, ele não sabia, ninguém sabia, ninguém da minha família sabia que eu vinha pra cá, mas eu vim não foi pra trabalhar. Eu vim foi pra ver se eu ficava, tentar de novo ver se eu gostava porque da primeira vez, da primeira tentativa, eu não gostei. Aí eu vim e acabou rolando e acontecendo de eu ficar, eu disse então aqui eu vou ficar, fica mais alguns anos, uns 2 no máximo, consigo, porque o salário daqui era melhorzinho, aí eu consigo o dinheiro mais rápido e voltava.

(Marleide) Porque eu achava que com um dinheiro pra fazer uma base, fosse melhor. Como lá não tinha emprego e ainda a escola era só um sonho, uma coisa no começo, eu pensava: esse dinheiro, se eu ficar até 4 anos, juntando esse dinheiro não vai me atrapalhar muito, pelo contrário, vai me ajudar. Eu com esse dinheiro vou poder fazer um pé de meia, como se diz. E tem a outra questão, um problema muito grande na minha região era a água e hoje não é mais, uma coisa que quando eu soube eu fiquei tão feliz, que eu falei quem imaginava a gente ter água lá porque a situação da água era cruel.

(Marleide) A gente gostava muito de trabalhar com horta, mas como a gente ia trabalhar com horta se vinha a seca e não tem água nem pra você consumir e fazer as coisas? Aí eu pensava também nisso, eu falava mas aí a gente pode ver uma outra renda, um outro meio de ganhar dinheiro, mas aí precisava de dinheiro pra fazer o começo, aí foi a partir' de todas essas coisas que eu vim pra cá e aconteceu e foi acontecendo uma coisa, outra coisa e eu to até hoje, mas pensando sempre em voltar.

(Marleide) E acabo conhecendo um cearense e aí complicou minha vida (risos). Que ele não ouça isso, mas ele sabe eu falo pra ele que eu tenho vontade de voltar pra lá, ele sabe que às vezes eu falo brincando, mas eu falo a verdade, ele sabe que meu sonho é voltar. Mas agora não sei, vamos esperar o que vai acontecer.

(Marleide) Mas quando eu soube que na minha cabeça, que água era fácil pra cuidar de horta, pensa que eu fiquei tão...se eu pudesse voltar naqueles dias ali eu voltaria. E eu nesse período, 2007 pra cá, eu fui e passei 6 meses lá porque eu queria fazer um teste, eu não tinha ela ainda. Foi 2012, quando a Marli teve os filhos dela, os filhos dela tava com 10 dias de nascido e eu fiquei lá até eles completar 6 meses, fui ajudar ela, fui ajudar minha mãe e pensar um pouco. Eu tava, eu não quero mais trabalhar pra empresa, eu não quero mais ficar aqui em SP, eu vou voltar pra Bahia, mas eu tinha meu namorado aqui e eu fui e aí a gente ficou conversando e acabei voltando por causa dele. Mas eu não ia voltar mais, aí ele começou a falar e eu disse eu vou.

Mas a época que eu fiquei lá eu cuidei de horta, foi uma fase, uns 6 meses bem felizes da minha vida.

(Geraldo) O que você sonha mesmo em voltar pra lá é pra trabalhar na terra.

(Marleide) é pra trabalhar na terra.

(Geraldo) Porque você tem esse amor tão grande a terra?

(Marleide) Eu acho que é porque...Eu estudei até a quarta série lá em escola tradicional, aí na quinta série eu não tinha tanto esse apego, ai eu fui pra escola e fiquei até a oitava. Faltou o último ano pra mim concluir. Foi quatro anos que eu fiquei lá e aí nesse período, nessa fase os ensinamentos dos professores, aquela convivência com a terra, aqueles ensinamentos, aquela coisa toda me estimulou.

(Marleide) Eu vi aquela questão que eles falavam do êxodo rural, pra gente não sair. Eu acreditava naquilo, eu sei que aquilo, eu achava errado as pessoas saírem do seu lugar pra ir pra migrar pra outra cidade, eu acredito que as pessoas tem que ficar no lugar que nasceu e aprender a cuidar da terra e tirar o sustento dela e viver ali. Eu acredito muito nisso, eu que fui a errada de sair. Por obra de Deus, não sei. Na época eu tive esses motivos, mas eu não aconselho ninguém a fazer isso que eu fiz. Principalmente hoje.

(Marleide) Se a pessoa tem como ficar lá, tem o meio de sobreviver lá, que não saia. Os mais novos agora que é minha sobrinha, meu irmão, eles já foram das outras turmas mais recentes, então, até a Emília minha sobrinha que também estuda lá, a Marilândia, essas meninas já pegaram a escola bem estruturada, com projetos aprovados. Já saindo com serviço certo. Então pra essas pessoas, jamais aconselharia vir pra cá. Se eu fosse elas eu não viria, de jeito nenhum. Só que comigo aconteceu diferente.

(Marleide) Mas eu sinto tanta falta, pensa numa fase que foi a minha vida na escola família. Já foi bom naquela época que foi uma época difícil porque na época que eu tava lá, ainda era, eu não fui assim pioneira. Mas ainda foi difícil porque era fase de construção. Ainda era construído casas, ainda tinha muita área pra ser desmatada pra construir as coisas. Imagina agora que tá tudo construído, mais evoluído, agora deve ser maravilhoso aquela convivência, o trabalho na prática, o trabalho na sala, a convivência com os monitores, outras comunidades, aquela mistura de ideias, nossa aquela escola ali foi a melhor coisa que aconteceu pros agricultores e filhos de agricultores. A melhor coisa que aconteceu.

(Geraldo) Vamos terminar, mas eu vou te fazer uma pergunta. Será que você estando lá não vê de maneira exagerada o que tem de mal aqui e você estando aqui não vê também de maneira exagerada o que é bom de lá?

(Marleide) Exagerada não sei se é...

(Geraldo) Se a tua vontade, se você tá aqui, não imagina lá de maneira um pouco...que também você deixa de ver as dificuldades que tem lá e vê só o que tem de encantamento

(Marleide) Não porque mesmo tendo as dificuldades que tem lá, aqui também. Mas só o fato de estar mais junto com a família, a gente enfrentando junto, estando mais próximo, aquela força. Porque aqui em SP, pode ser que eu exagere de não ver as coisas boas, mas aqui eu sou muito só. Minha família é enorme e só eu aqui e meu

irmão, a gente nem se vê tanto. Então, SP é bom, tem muitas oportunidades, mas pra mim é melhor na Bahia (sua família e e sua terra) É, minha família e minha terra. Porque pra quem gosta de SP, é bom. Pra quem se adaptou bem aqui. Porque tem as minhas colegas que fala que não consegue viver sem o shopping, sem a noitada, sem uma balada. Não consegue viver mais sem essa agitação.

(Marleide) eu não sou agitada, entendeu? Porque SP é agitada, é 24 horas, então quem gosta muito de balada é maravilhoso, você trabalha e na sua folga, qualquer hora tem balada a semana inteira, é muita festa. Oportunidade também, pra quem quer... O Tião por exemplo ele gosta daqui, ele é um pouco diferente de mim, não sei porque a gente conseguiu casar. Porque ele é mais agitado, eu que reduzi isso, ele ficou mais caseiro depois que casou comigo. Se ele quiser seguir o ramo, porque restaurante tem, que cuida de comida, aquele curso de gastronomia.

(Marleide) Se ele quiser, aqui pra fazer curso, pra gastronomia, querer crescer nessa área é muito bom, mas pra quem gosta da terra aqui em SP não pensa porque nem terra tem. Só tem prédio e asfalto, mas SP é bom pra quem gosta daqui.